

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

GIOVANA MARTINS ARAÚJO

HUMANOS E NÃO-HUMANOS: Para um debate acerca das relações entre afetados pelo crime-desastre da Samarco e o rio Doce a partir de materiais textuais e imagéticos

VITÓRIA  
2020

GIOVANA MARTINS ARAÚJO

HUMANOS E NÃO-HUMANOS: PARA UM DEBATE ACERCA DAS RELAÇÕES  
ENTRE AFETADOS PELO CRIME-DESASTRE DA SAMARCO E O RIO DOCE A  
PARTIR DE MATERIAIS TEXTUAIS E IMAGÉTICOS

Texto de monografia apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção de título de bacharel em Ciências Sociais.

Sob a orientação da professora Dra. Eliana Santos Junqueira Creado.

VITÓRIA

2020

## RESUMO

O texto monográfico que se apresenta analisa como se dão as relações entre humanos e não humanos no que diz respeito a grupos humanos e seus acessos ao/com o rio Doce, focalizando a análise nas falas acessadas daqueles que foram atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, da Samarco Mineração S.A. em novembro de 2015 na região da foz do rio e imediações. Acessando tais falas pretendemos trazer discussões pertinentes às Ciências Sociais (e principalmente aos próprios atingidos/as) no que diz respeito às afetações sofridas por tais grupos humanos e não-humanos no evento em questão. Realizamos a pesquisa através de análise de conteúdo de reportagens e vídeos elaboradores sobre o desastre-crime.

*Palavras-chave:* Humanos e Não-humanos; Crime-desastre; Rio Doce; Desintoxicação Simbólica.

## ABSTRACT

The monographic text presented analyzes how human and non-human relations take place with regard to human groups and their access to / with the Doce River, focusing the analysis on the statements accessed by those who were affected by the rupture of the dam. Fundão, from Samarco Mineração SA in November 2015 in the mouth of the river and its surroundings. Accessing such speeches, we intended to bring discussions pertinent to Social Sciences (and mainly to the affected ones) regarding the affects suffered by such human and non-human groups in the event in question. We conducted the research through content analysis of reports and videos about the crime disaster.

*Keywords:* Human and Non-human; Crime-disaster; Doce River; Symbolic Detoxification.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho tão simples e singelo a todos aqueles que por ocasião do rompimento da barragem de Fundão da empresa Samarco Mineração S.A. tiveram suas vidas modificadas para um modo, no mínimo, desacertado com suas condições de vida anterior ao rompimento. Que tiveram danos tamanhos que as palavras que se seguirão não poderiam descrever. Dedico a todos que passam (ou ao menos passavam) horas à frente de olhares curiosos de estudantes e pesquisadores desejosos por ajudar de alguma forma, e que à sua maneira nos ensinam a cada dia o que é uma luta pela (re)conquista de suas próprias vidas e direitos.

Dedico também ao meu avô que, da sua maneira, me ensinou o amor pela natureza e que lá de cima me guia aqui nesse plano.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder sempre as condições ideais para que tudo quanto fosse necessário nessa caminhada se alinhasse de tal forma a ocorrer tudo bem.

Em segundo lugar não poderia deixar de agradecer aos meus familiares que por tanto tempo (e espero que assim continue) me veem surtar com os estudos. Me acalentavam nos momentos de desespero e me lembravam de descansar em vez de desistir.

Especificamente à minha mãe por ser meu ponto de refúgio e referência desde sempre. Exemplo de mulher que corre atrás do necessário para nos manter bem e com saúde. Ao meu pai por ser também meu auxílio, sempre esteve presente com uma palavra de carinho e conforto. Ao meu padrasto que, sempre tão carinhoso e generoso, fez papel de pai, de amigo, de referência. À minha irmã, a qual sem a presença não passaria de cabeça em pé por muitos momentos. Tão nova e tão presente, sempre foi meu refúgio e ouvido nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão por me mostrar como ser perseverante e dedicado no que se propõe. À minha avó pelos eternos carinhos e por ser um exemplo de batalhadora até onde se puder.

Aos demais familiares e amigos que sempre estiveram presentes nessa trajetória e que sabendo ou não, me foram muito valiosos. Agradeço, portanto, à minha tia Lilian por ter sido minha mãe em dado momento da graduação, à Gloriény, à Jéssica, à Nathiely (em especial também à sua família), pela amizade e ombro amigo sempre disponíveis. À Danielle e sua família, prima que sempre esteve presente para o que fosse preciso, principalmente nos momentos de mobilidade acadêmica.

Aos amigos que a Universidade me trouxe, meu eterno amor, carinho e admiração, em especial à minha grande amiga Geysa, pelos momentos de surto e risos. Ao Walber, Luan e Euthimio. Que nossas jornadas permaneçam próximas.

Agradeço aos professores e professoras, em especial à Eliana pelo carinho com que sempre me tratou, pelo auxílio, paciência e rigorosidade acadêmica que me ensinou a ter, mas de forma tão doce.

Aos próprios atingidos e atingidas, interlocutores principais de toda essa trajetória. Que, para além de todas as mazelas trazidas por esse rompimento, se disponibilizavam, quando possível, para participarem de eventos, palestras, reuniões infundáveis. A eles meu total respeito e admiração.

À toda equipe do Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no Espírito Santo – GEPEDES, pelo acolhimento e pelas possibilidades alcançadas enquanto voluntária e bolsista. Foi de importância imensurável.

À Universidade Federal do Espírito Santo que fomentou meu primeiro ano no Programa de Iniciação Científica. E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que agora fomenta meu último ano de Iniciação Científica.

De maneira geral, agradeço a todos que tornaram esse momento e essa caminhada possíveis.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se em uma discussão que pensa outras ontologias possíveis, e permitindo, com isso, não só as reconhecer, mas também, e, principalmente, conceber as possíveis relações entre elas. Pretendeu então analisar como se dão as relações entre humanos e não humanos no que diz respeito a grupos humanos e seus acessos ao/com o rio Doce, focalizando a análise nas falas acessadas daqueles que foram atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, da Samarco Mineração S.A. em novembro de 2015 na região da foz do rio e imediações. Assim, foram investigados nestas relações seus possíveis limites, pois, como Tomaz (2009), questiona-se “onde termina o humano e onde começa a máquina”, e é possível trazer este questionamento para esta análise, colocando: onde termina o humano e onde começa o rio nestas relações. É possível até mesmo pensarmos se há esse sentido de separação, visto que alguns povos indígenas possuem ontologias próprias que permitem entender-se parte da natureza e não separados dela (DE LA CADENA; LEGOAS, 2014), ou, então, separados de outra forma, a partir de outras concepções de natureza. A exemplo disto, temos a fala de Ailton Krenak em entrevista para o Jornal Folha de São Paulo em março de 2016, onde ele expressa a relação de seu povo com o rio, como será visto mais adiante.

Desta forma, estabeleceu-se nesta pesquisa o rio Doce como sendo o não-humano que será o foco principal, ainda que, posteriormente, seja analisado um segundo não-humano: a “lama da Samarco”. O termo “lama” foi como ficou conhecida a onda, e, também, pluma de rejeitos trazida pelo rompimento, sobretudo junto aos atingidos por ela e também junto a alguns dos pesquisadores deste assunto.

Assim sendo, foi interesse discutir nesta pesquisa: (a) as relações entre humanos e não-humanos no que tangem às relações entre os afetados (humanos) e o rio (não-humano); (b) as relações entre os afetados e a “lama da Samarco”; e (c) também as disputas sobre toxicidade do rio pela lama ou não. Através de uma abordagem em que se buscou entender: (a) como se deram as representações do passado destas relações, isto é, nestes documentos analisados, como as falas dos moradores afetados ressaltam as suas memórias em relação ao rio; e (b) como as relações ocorreram num momento específico do evento crítico, a dizer, a chegada da lama e o período imediatamente posterior a ela. Pois, se for compreendido o rompimento da barragem da mineradora como um processo e não como um evento estanque no tempo, será percebido como ele ainda está criando e perpetuando seus efeitos nas vidas daqueles que foram atingidos (CAMARGO da SILVA,

2010). No entanto, o presente trabalho esteve ligado a uma bolsa de Iniciação Científica, e, por conta do prazo de um ano, optou-se por focar o período da chegada da lama e do *pós-imediato* ao ocorrido.

Ficam sinalizados, nesse sentido, alguns pontos importantes desta pesquisa. Primeiro, é crucial, para este estudo, entender como se dá o sentimento de pertencimento ao local e se há uma noção de comunidade, pois, como expressa Carneiro (1998), o pertencimento a um local, no sentido daquelas famílias que vivem à beira do rio e com ele se relacionam, passa pelo individual e pelo coletivo, à medida que acionam elementos como a memória e a afetividade com o espaço para construir essa pertença:

[...] o reconhecimento de um determinado espaço como próprio ao indivíduo, à família e ao grupo mais amplo, é informado pela memória coletiva herdada de gerações anteriores. Os marcos ou pontos de apoio dessa memória são os próprios componentes da paisagem: rios, morros, montanhas, árvores..., que persistem *mesmo que transformados ou destruídos pela ação do homem*. (BRAGATTO, 1997 *apud* CARNEIRO, 1998. Grifos nossos).

No entanto, essa relação com o rio não se dá apenas através do reconhecimento espacial, mas de um reconhecimento que passa pelo *relacionamento* íntimo com o mesmo – e que é um dos focos principais desta pesquisa. O rio é concebido como algo para além da coisa física, incluindo a mesma. Trata-se de um elemento natural, de acordo com algumas perspectivas naturalistas, com o qual se mantêm relações íntimas de devoção, respeito e reciprocidade, além de lazer e recreação. Portanto, procuraremos abordar tais relações no decorrer do presente trabalho.

O segundo ponto trata da possibilidade de perceber uma complexificação das análises pretendidas, por conta da sobreposição dos elementos pontuados aqui como os principais não-humanos considerados na pesquisa. Esta sobreposição foi também, nesse sentido, um objeto de interesse de análise, uma vez que a chegada da “lama” modificou aquelas primeiras relações dos indivíduos com o rio e mesmo entre os próprios indivíduos no momento em que se teve a chegada dos rejeitos, carreados ao longo de seu curso e materializados de diferentes formas ao longo dele, para, por fim, alcançarem o oceano (CREADO; HELMEREICH, 2018).



Figura 1: Caminho percorrido pela lama, entre os estados de Minas Gerais e Espírito, até chegar à foz do rio Doce. Desenvolvido pelo ONB.

Link para acesso: <https://organicsnewsbrasil.com.br/e-hora-da-mudanca/retrospectiva-2015-e-hora-da-mudanca/retrospectiva-2015-a-lama-que-sufocou-o-rio-doce/>, acesso em setembro de 2020.

Um terceiro ponto é o que trata das documentações e reportagens analisadas na pesquisa. Pretendeu-se compreender como imagens do rio Doce foram operadas nestes veículos de informação na ocasião da chegada da mesma e logo após. O esforço foi de fazer uma análise que tenta recuperar a memória do evento, nos seus momentos mais críticos, antes do momento posterior, ainda em curso, de desintoxicação simbólica do rio, pegando o apoio conceitual de Telma Camargo da Silva (2010), quando a autora trata da descontaminação simbólica de evento crítico ocorrido em Goiânia, relativo ao Césio-137. Analisando como se dão tais relações, das pessoas humanas com o meio e, assim, com o rio, é possível perceber como estas eram, como foram afetadas, e em que implica essa condição de afetado. Possibilita também, como pano de fundo, trazer contribuições para a discussão em torno de possíveis ações de recuperação que possam levar em conta não só o aspecto financeiro do problema (caminho comumente seguido pelas empresas), mas também os aspectos apontados pelos próprios afetados como importantes nesse feito, – o que são aqueles elementos, atividades e ações que estão a todo momento ordenando as comunidades e os grupos afetados, fazendo entender que não só os aspectos físicos foram alterados, mas também outra/s dimensão/ões complexa/s e profunda/s, diretamente ligadas a suas vidas (HANNIGAN, 1997).

Estabeleceram-se assim os objetivos da pesquisa: 1) discutir acerca de como a chegada da “lama da Samarco” foi sentida pelos moradores através das suas falas e de como se expressam em diferentes imagens e produções textuais compartilhadas em meios de comunicação; 2) perceber como são pontuados os documentos publicados acerca do ocorrido, levantando assim número expressivo de produções referentes ao assunto e ao momento referido, sobretudo logo após o ocorrido; 3) investigar os aspectos engendrados na chegada dessa “lama” enquanto discussões em torno da toxicidade ou não da água do rio, e de seus efeitos sobre outros entes que com ela entraram em contato, também a partir das reportagens e de outras formas de apresentações de imagens do rio feitas naquele momento mais crítico – para a realização deste texto monográfico, diferentemente do que fiz no subprojeto de iniciação científica, pude realizar um olhar mais fluído, que permitiu que versasse sobre documentos espaçados no tempo, indo de novembro de 2015 à abril, julho, e até uma publicação de novembro de 2016 é mencionada.

Considera-se, portanto, que revisar a memória do evento pontual (a chegada da lama) antes de sua descontaminação simbólica pelos meios de comunicação e por outros agenciamentos sobre o crime-desastre em questão permite que as subjetividades (e materialidades) de grupos afetados em desastres como estes sejam levados em consideração nos momentos de atuação de instituições e/ou empresas responsáveis. Até mesmo para que se pense em como serão feitas as ações de reparação e/ou recuperação junto a diversos coletivos humanos (e não somente) que manterão contato com tais empresas, tendo em vista o que tais coletivos entendem como social e natural (WAGNER, 1975; HANNIGAN, 1997).

## **TRAJETÓRIA DA PESQUISA**

As experiências que auxiliaram na escrita e na discussão desta monografia, juntamente com o aporte das Ciências Sociais, ligam-se a participações em eventos e reuniões envolvendo os agentes principais desta pesquisa. Enquanto estudante de graduação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), participei como voluntária e como bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no Espírito Santo (GEPPEDES) entre 2016 e 2018, o que me possibilitou acesso a assuntos e discussões referentes aos conflitos vividos por aqueles que habitam o decorrer do rio Doce e que tiveram como enfrentamento o rompimento da barragem da referida empresa Samarco. Esta condição de estudante em um grupo de estudos e pesquisas me

proporcionou também acessar eventos e discussões imprescindíveis para o entendimento da esfera que envolve a condição de vida desses homens e mulheres.

Juntamente a isto, destaco que, muitas vezes, o que ouvia e presenciava, causava sentimento de impotência, de tristeza, frente à condição de pessoas pelas quais comecei a desenvolver tamanha empatia. Isto, talvez, tenha sido o combustível primordial para o início dessa trajetória de busca pelas discussões deste tema. Talvez (muito possível que sim), a tentativa de ser mais uma pessoa a pontuar os enfrentamentos desses indivíduos venha ser uma forma de trazer à tona discussões importantes para que eventos trágicos como este não ocorram mais, afetando assim populações inteiras e revirando vidas inocentes – ainda que mais uma vez tenhamos presenciado algo semelhante em 2019 com o rompimento da barragem da mesma empresa, agora em Brumadinho/MG.

Dessa forma, um dos principais eventos de que me recordo de ter participado e ter tido contato com debates importantes em minha Universidade inicial foi em novembro de 2017, quando a UFES sediou o “Seminário de Balanço de Dois anos do Rompimento da Barragem de Fundão, da Samarco em Mariana, MG (em 2015)”<sup>1</sup>. O evento foi realizado por diversos órgãos, dentre eles: Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFES (ORGANON), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS-UFJF), Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente a Mineração e Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA). No mesmo evento, uma audiência pública com o tema “Direitos Humanos e Empresas: Qual é a política pública que o Brasil precisa?”, foi realizada pelo Grupo de Trabalho Direitos Humanos e Empresas da Procuradoria Federal dos Direitos Humanos e diversos moradores da região da foz e imediações estavam presentes para levarem a público seus relatos

Muito por isso, me coloquei a enfrentar também um semestre em mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG no ano de 2019, no primeiro semestre. Momento crucial também para minha formação, visto que ali teria contato com as discussões acadêmicas do outro estado afetado pelos efeitos da ação mineradora predatória que culminou no rompimento da barragem de Fundão. Pouco foi o tempo, penso, pois muito era o desejo de viver mais aquele espaço de discussões e eventos tão importantes para minha formação acadêmica e pessoal. Lá pude participar, por exemplo,

---

<sup>1</sup> Link para acesso da chamada do: <http://www.ufes.br/conteudo/pesquisadores-se-re%C3%BAnem-para-um-balan%C3%A7o-dos-2-anos-do-desastre-de-mariana-mg>, acesso em junho de 2020.

do 3º UFMG Debate<sup>2</sup>, evento que discutia rompimentos de barragens em Minas Gerais, e que já estava em sua terceira edição. Com o apoio do programa Participe UFMG, o Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA) proporcionou o acesso a falas de moradores de Mariana, Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues. Neste evento, pude compreender um pouco a partir da visão dos próprios atingidos como estavam ocorrendo os processos de reparação por parte das empresas, quais suas principais queixas, como viam as ações do Ministério Público, por exemplo, diante das violações que sofriam por parte das ações das empresas envolvidas nas reparações, e também, ponto muito importante, como Mariana estava àquele momento, sendo fonte de lições de enfrentamento para o ocorrido no município de Brumadinho, já que àquela altura a outra barragem da mineradora Samarco havia se rompido.

O segundo evento de que participei na UFMG foi “IV Ciclo de Debates GESTA UFMG”<sup>3</sup>, com o tema “Saberes e estratégias contra-hegemônicas em defesa dos territórios”, que ocorreu em maio de 2019 e contou com participação de pesquisadores, mas também e, principalmente, de moradores de áreas em risco de desabamento de barragens naquele momento, como Barão de Cocais/MG, Itabirito/MG, Macacos/MG, Conceição de Mato Dentro/MG. Também contou com moradores de Mariana/MG afetados pelo rompimento de 2015.

Assim, essa monografia é fruto de projeto de pesquisa que contou com bolsa de iniciação científica ligada à organização e análises de reportagens e outros materiais bibliográficos acumulados pela professora orientadora que, em uma atividade que lhe pareceu pertinente no momento do rompimento da barragem e nos momentos posteriores, sistematicamente juntou documentos, reportagens, imagens e demais elementos que versavam sobre o rompimento. O que foi uma atividade assertiva, visto que cada um desses documentos faz parte de um conjunto sistemático e histórico de narrativas sobre o evento em questão, tornando-se então material para pesquisa.

Dessa maneira, trabalhamos com documentos textuais e imagéticos que versavam sobre o rompimento da barragem da Samarco e, para a realização do objetivo desse projeto de pesquisa, houve a necessidade de recorte do material a ser observado bem como do seu

---

<sup>2</sup> Link para acesso da chamada do evento <https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/grupo-de-estudos-da-ufmg-realiza-terceiro-debate-sobre-rompimento-de-barragens-em-minas-gerais>, acesso em junho de 2020.

<sup>3</sup> Link para acesso da chamada do evento <https://manuelzao.ufmg.br/debate-saberes-e-estrategias-contra-hegemonicas-em-defesa-dos-territorios/>, acesso em junho de 2020.

*locus* de referência. Assim, optou-se por analisar documentos e imagens referentes à região da foz do rio Doce e suas imediações.

Passou-se, portanto, para um momento de análise mais detalhada dos documentos onde se observava a que esses documentos se referiam, quais suas fontes, como descreviam os elementos citados e o evento em si do rompimento e da chegada de rejeitos na foz; bem como se referiam às condições aquáticas, quais os saberes predominantes e quais entes mencionados. Estas questões se fizeram necessárias, pois como provoca Etienne Samain (2016), para além das palavras, as imagens destes documentos também falam, pois estão circunscritas em um sistema e em um ambiente que faz pensar. Desta forma, ele instiga:

“Além de algo que nos oferece pra pensar, toda imagem é portadora de pensamento. Na medida que veicula pensamento de quem as produziu e incorpora pensamentos daqueles que a observa, que está diante deles” (SAMAIN, Etienne. 2016. Conferência no auditório do CEARTE/UFPEL).

Nesse sentido, o que queriam passar as imagens desses documentos, o que pretendiam instigar naquele que o vê ou lê? Minimamente, este foi o desejo por trás da análise dos textos e imagens coletados e observados no decorrer deste trabalho.

Buscou-se entender como se dá a junção do texto com a imagem nesses documentos – o que também permitiu pensar em como seria o presente texto monográfico, trazendo assim uma reflexão sobre a reflexão, sobre quem escreve, sobre aquela autoridade etnográfica que discute James Clifford (1998). Tratava-se de outro objetivo pretendido na pesquisa, mas também é uma questão para a antropologia, como questiona Etienne Samain:

“... Temos que nos dar conta que os meios da comunicação humana mudaram, e como! Daqui a pouco vão falar de que tipo de homem? De que tipo de sociedade? [...] Outra reflexão que faço: a Antropologia, participa ela, de uma virada cognitiva e comunicacional de tamanho planetário. As chamadas Civilizações de Imagem que levanta, desse modo, outros sérios desafios. Para mim não se trata mais de conceber as imagens como se fossem cerejas, enfeites sobre o Bolo do Saber. Trata-se, daqui pra frente, de tomar consciências, de procurar entender como os homens continuam a pensar, a comunicar-se, a organizar-se em sociedade através de novos dispositivos audiovisuais que obedecem a outras gramáticas, a outras modalidades lógicas, outros códigos e sistemas de pensamento. [...] Os antropólogos têm que descobrir, penso, ao lado da escrita, tanto as singularidades, como os limites de um conhecimento por imagem.” (SAMAIN, Etienne. 2016. Conferência no auditório do CEARTE/UFPEL).

O Bolo do Saber, colocado por Etienne, refere-se àquele pensamento sobre o qual a Antropologia por tanto tempo se deteve, em que somente a escrita seria o modo aceitável e verdadeiro de produção de saber. Dessa forma, assim também como James Clifford (1998), Samain (2016) nos instiga a pensar novas formas de produção na antropologia. Por isso, enquanto bolsista no projeto de iniciação científica, uma atividade inicial foi a criação de uma Ficha de Análise para que pudessemos fazer a sistematização dos

documentos a serem utilizados na pesquisa. Assim, diversos elementos foram acessados, entre eles cartilhas, postagens em redes sociais por parte de indivíduos ou páginas ligadas aos afetados pelo rompimento, reportagens e vídeos, amadores ou criados por organizações. A criação desta ficha foi importante, pois permitiu tanto a organização nos momentos de leitura dos documentos, à medida que orientava o olhar, bem como em momentos posteriores, facilitava o acesso a colocações, datas, informações em geral, importantes dos documentos lidos/vistos.

## **ESTRUTURAÇÃO DA MONOGRAFIA**

Nesse contexto, o presente escrito se organiza da seguinte maneira. No capítulo um, “Tornar-se atingida/o”, trago textos norteadores da pesquisa. Textos que auxiliaram no entendimento da relação humano-rio com o auxílio da antropóloga Naveeda Ahmed Khan quando analisa as relações de moradores com rios de Bangladesh em três filmes, nos mostrando como o rio, ou a água, podia ser visto como um fato social total, tendo força social e política nessas relações. Também com a antropóloga peruana Marisol de La Cadena, alcançamos a discussão sobre como a ação humana tem papel essencial na destruição da natureza e de populações complexas com perspectivas diferentes, a partir dos embates ontológicos invisíveis. Nesta mesma seção, trazemos também e, principalmente, o conceito da antropóloga Telma Camargo da Silva de *descontaminação simbólica* em *eventos críticos* – este último conceito da também antropóloga Veena Das. O conceito de descontaminação simbólica se manteve presente desde os primeiros momentos da pesquisa e embasou parte das premissas presentes nesse texto, ainda que posteriormente tenhamos pensado nosso contexto e percebido que um termo que melhor se encaixaria seria o de Desintoxicação simbólica, visto que toda discussão se dá em torno da intoxicação (ou não) do rio e outros entes pela “lama da Samarco”, nada mais justo que trazermos esse termo para nossa análise.

Neste mesmo capítulo, no tópico “Atingidas/os moradores do rio Doce” trago reflexões advindas do rompimento para esses moradores. Ali também levanto algumas implicações que foram surgindo no decorrer da vida acadêmica de graduação enquanto mantinha contato com falas e apontamentos referentes ao tema. Nessa seção, portanto, menciono os três apontamentos que nortearam e embasaram as pesquisas e observações. São elas: o *poder* da/na fala; relações impactadas/quebradas e; o impacto psicológico e a necessidade de acompanhamento profissional dos atingidos.

No capítulo dois “As/os atingidas/os humanos em documentos textuais e imagéticos” realizo um apanhado da análise de documentos apontando para estratégias discursivas, destacando variações linguísticas. Quando e como versam sobre as condições aquáticas e sobre o rompimento, trazendo os termos utilizados para que se verifique se houve variação dos termos.

No capítulo três, “Observando imagens”, trago reflexões e apontamentos de imagens acessados para a elaboração da pesquisa. São, no geral, imagens retiradas de reportagens, mas também de vídeos publicados no Facebook por moradores, por páginas ativistas ou entidades envolvidas na causa dos atingidos pelo rompimento da barragem.

## 2. CAPÍTULO 1

### TORNAR-SE ATINGIDA/O

Uma vez pontuado o objeto de pesquisa, partiu-se para leitura de textos que envolvessem as relações aqui pretendidas. Num primeiro momento, pegou-se como aporte teórico textos que analisam relações entre humanos e rios. Nesse âmbito, houve o contato com a antropóloga Naveeda Ahmed Khan (2015), que em “River and the Corruption of Memory” analisa como a corrupção da imagem do rio corrompe também as relações sociais ali envoltas pela sociedade às suas margens. O mesmo foi percebido no caso desta pesquisa, pois a manipulação da imagem do rio através de pesquisas, reportagens, diversas análises e afins, produziu novas formas de relação e interação das populações com o mesmo.

A partir do momento que se insere um novo elemento na rede cultural e material dessas populações, é possível que se perceba como esse elemento irá desencadear uma série de outras relações, e até eventuais quebras de relações, como é o caso das conexões entre gerações e crenças que foram diretamente afetadas. A água, nestas circunstâncias, é tida como um fato social total (NAVEEDA, 2015), pois uma vez que há a manipulação dela em um domínio ocorrerá a afetação do uso, da vivência e das relações em outro domínio. Naveeda Khan (2015) analisou o emaranhado de relações pessoais e a poluição vistos em três filmes sobre rios em Bangladesh – os filmes são “Um rio chamado Titash”, “Os pescadores de Padma”, “Ao lado do rio Chitra”. A autora interessa-se em observar o encadeamento do rio com as vidas em sua volta e demonstrar a corrupção imanente nas relações envolvidas e as afetações das mesmas. Demonstra, com isso, como a realidade física do rio tem um poder social, cultural e político, pois ela observa que, nestes filmes, os produtores não estão completamente preocupados com a autenticidade e a verossimilhança, mas com a capacidade de descobrir e articular a materialidade promovendo uma visão distorcida da realidade. Ela chama essa estratégia de produção de “rios cinematográficos”, que acabam por produzir uma espécie de “realidade redentora” (KHAN, 2015, p. 392).

Khan alerta para como a erosão das relações produz esquecimento e como “a adaptação do presente acarreta uma corrupção contínua da memória” (KHAN, 2015, p. 392). Assim, como com a adaptação ao esquecimento do ocorrido em novembro de 2015 na barragem da mineradora Samarco, esquece-se também as injustiças vividas naquele momento e vividas até os dias de hoje pelas populações atingidas, pois como atenta Foucault (1980),

controlando-se a memória de um povo, controla-se também o seu dinamismo e a sua experiência. Desta forma, o campo de forças em embates e tudo o que o envolve, culpabilização, vitimização, indenização, ficam em constante movimento de apagamento e esquecimento (CAMARGO da SILVA, 2005).

Ao tratar de relações e injustiças históricas pelas quais sofrem os chauras sob a ameaça de apagamento de sua história pelas “novas urgências globais” produzidas pelo pensamento das mudanças climáticas na região de Bangladesh, Khan (2015) permite-nos remontar ao caso dos atingidos que se veem frente a grandes empresas interessadas em suas terras e, são eles, os povos moradores daquelas localidades, os maiores interessados no cuidado sustentável com a terra.

De modo similar, uma mulher que *se tornou atingida* (ZHOURI et al., 2017) pelo rompimento da barragem da Samarco, da zona rural de Paracatu, proferiu no evento sediado pela UFMG e pelo Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA), o “3º UFMG Debate”, as seguintes palavras dizendo que, se os moradores saíssem de suas terras, “a empresa tomaria conta de tudo e a terra estaria sem proteção”.

As sutilezas nestas falas dos atingidos pelo crime-desastre da Samarco são importantes no sentido de trazerem à tona quem são aqueles que se interessam por protegê-las de fato, e aqueles que delas querem tirar proveito, como Marisol de La Cadena (2017) discute em “Natureza incomum: história do antrope-cego”. A antropóloga peruana nos chama a atenção para como a destruição da Natureza pelo consumo e pela extração contínua de minerais e energia produzem a destruição das populações que, por terem ontologias diferentes, pensam em mundos que não se dividem – entre humanos e não-humanos – e passam a ter que se dividirem assim por conta da ganância de regimes minerários que culminam na destruição de relações outras.

Marisol de La Cadena (2017) traz diversas discussões pertinentes em seu texto, pois coloca em debate principalmente as diferentes ontologias e os embates entre elas. Bem como as guerras silenciosas que impedem a expressão e a produção de mundos que são diferentes, mas que, no entanto, precisam aprender a co-existir em prol de um fim mais esperançoso para as humanidades.

A autora inicia seu texto colocando em discussão o caso do Governo Peruano que permitiu que empresas explorassem uma porção de terra que fazia parte de um território indígena, indo contra o acordo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ao qual o Peru havia aderido, que exige a consulta prévia de seus moradores antes do início da ação das empresas. Este caso coloca em debate as relações de poder e autoridade com que

muitas vezes são tratados os povos indígenas e demais populações que possuem ontologias diferentes das condutas empresariais, mineradoras, exploratórias, predatórias. Essas diferenças e as relações que colocam podem ser percebidas na fala de Leni, jovem líder de Awajun Wampi:

“Estamos falando dos nossos irmãos que matam nossa sede, que nos banham, que cuidam das nossas necessidades – estes [irmãos] são o que chamamos de rio. Nós não usamos o rio como esgoto; um irmão não pode esfaquear outro irmão. Nós não apunhalamos nossos irmãos. Se as corporações transnacionais se preocupassem com o nosso solo, como nós temos feito há milênios, teríamos prazer em dar espaço para que eles pudessem trabalhar aqui – mas eles se importam apenas em se beneficiar economicamente, em acumular fortuna. Não entendemos por que o governo quer arriscar nossa vida com esses decretos.” (DE LA CADENA, 2017, pp. 97-98)

Com esta fala, ficam claras as diferenças entre as ontologias de ocidentais e indígenas. Como diz Shane Greene citado por La Cadena, o que está em jogo não é pura e simplesmente uma disputa por território, mas sim “um modo de vida distinto” (GREENE, 2009 *apud* DE LA CADENA, 2017). Esse modo de vida distinto é percebido, mas silenciado a partir do momento em que inviabiliza o desenvolvimento e a regulação do sistema capitalista, pois mostra, a partir de embates como os que La Cadena demonstra em seu texto, ou dos que são trabalhados por esta pesquisa, que quem vai contra o desenvolvimento que o Estado defende é um inimigo e, por isso, seu modo de vida deve ser tido como um modo de vida menor, menos valioso, quando não visto como trivial. Contudo, essas palavras não são ditas, antes, são embutidas em uma guerra silenciosa “travada contra entidades e práticas mundiais que ignoram a separação de entidades em natureza e cultura” (DE LA CADENA, p. 101).

No que tange à descontaminação simbólica em materiais textuais e imagéticos analisados até o momento na presente pesquisa, a antropóloga Telma Camargo da Silva foi acionada desde os primeiros momentos. A autora trata da dinâmica do poder e da produção de memória (quem pode produzir memória) no contexto do desastre envolvendo Césio 137 em Goiânia, no ano de 1987.

Em seu texto “As fronteiras das lembranças: memória corporificada, construção de identidades e purificação simbólica no caso de desastre radioativo” (CAMARGO DA SILVA, 2005), a antropóloga se propõe a analisar como se deu na esfera social e política a repercussão e a imposição, o silêncio e a subjugação das memórias. Ela começa nos mostrando uma desorganização na ordem sócio-cultural que culminou por abalar as relações e criar novas, além de trazer o prejuízo econômico para o estado de Goiânia. Ao longo dos anos, isso foi provocando emudecimento e o silêncio dos afetados pelo material

radioativo e, atrelado ao discurso institucional de que “tudo estava sob controle”, “tudo estava bem”, um emaranhado de poder e falas se criou.

Havia, por parte de instituições e governos, a pressão para que não se falasse sobre o ocorrido, pois o ato claramente traria malefícios para o Estado. Telma percebe essa disputa em relação à fala. Houve separação daqueles que podiam falar sobre o ocorrido, o relato público em contraste com o silêncio da lembrança marcada pelo corpo e pelos estigmas circunstanciados das narrativas privadas.

Havia no imaginário local a noção de cidade limpa trazida desde os anos 30 por um médico, governante da época, que introduziu as noções sanitárias que, associadas ao saber médico, deram-no poder para continuar seu empreendimento após a capital do estado de Goiás ser transferida para Goiânia. Isto ficou marcado no imaginário local, mesmo que fisicamente não tenha sido totalmente concretizado. Por esse motivo, o desastre radioativo de 1987 ameaçou dramaticamente os governantes e as instituições. Desta forma, forças foram empreendidas para que houvesse a contenção de novas reivindicações para além dos 249 indivíduos iniciais tidos como afetados. Dessa maneira, os PM's, por exemplo, que trabalharam diretamente no trato e na contenção da radioatividade no momento do ocorrido, não foram categorizados como afetados, mesmo que reivindicassem que sua saúde estava afetada por conta do contato com o material radioativo. Agora a luta era para que se reestabelecesse aquele primeiro ideal de cidade limpa, também no âmbito simbólico, através da limpeza da memória sobre o ocorrido.

Com isto, surgiram as estratégias de estabelecimento desta limpeza. A categorização, a classificação e o mapeamento de indivíduos afetados, a deslegitimação das falas emergentes. Além disto, foi criada a Fundação Leide Neves (FUNLEIDE) que realizava assistência aos atingidos e pesquisas. Outra estratégia tomada foi a contenção e a manutenção do desastre no passado para que se entendesse que o ocorrido já estava contido e sob controle. Assim, somente os médicos relacionados à Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) poderiam tratar dos assuntos relacionados à saúde e a demais elementos do ocorrido. Desta forma, legitimaram-se as falas destes em detrimento das narrativas dos próprios afetados que, por estarem vivas nas memórias e vidas deles, tornaram impossível o encerramento ou a contenção das mesmas no passado. Aqui entende-se, portanto, o desastre como um processo, pois vivido continuamente.

Assim, “[...] a prevalência de experiências que atualizam continuamente os eventos de 1987...” (CAMARGO DA SILVA, 2005, pp. 28-29) assemelham-se a como vem ocorrendo com os atingidos pelo crime-desastre da Samarco, pois a cada evento em que

vão, em cada reunião de que participam ou a cada tomada de decisão de que estão ou não presentes, são reforçadas as suas condições de *atingidos*. Condições essas que são impostas involuntariamente e independentemente do desastre em si como podemos ver em “*The Rio Doce Mining Disaster in Brazil: between policies of reparation and the politics of affectations*”, produção de Andréa Zhouri, Raquel Oliveira, Marcos Zucarelli e Max Vasconcelos (2017). Estes autores se propõem em seu texto a:

“examinar os desafios colocados às vítimas do desastre, visto que o sujeito social ‘atingido’ passa por um processo dramático de sociabilidade forçada, forjada nos processos políticos e nas demandas burocráticas que lhe são alheios” (Zhouri; Oliveira; Zucarelli; Vasconcelos, 2017, p. 82).

É importante que se olhe para estas questões atentamente. A FUNLEIDE e a CNEN passaram a ter caráter excepcional junto ao Estado no que diz respeito à manutenção da memória e da contenção de novas reivindicações à medida que ocultam, cientemente, os assuntos relacionados ao ocorrido da esfera pública. Há a criação de uma estratégia de esquecimento forçado, agindo, sobretudo, na memória e no imaginário da população local e até internacional na tentativa de dar como encerrado o desastre.

Este caso assemelha-se, mais uma vez, ao ocorrido após o rompimento da barragem da Samarco, uma vez que sua acionista Vale S.A. é quem pode ou não dizer quem é afetada/o através da Fundação Renova, criada por ela mesma atrelada aos pontos norteadores da International Finance Corporation (IFC):

“Na gestão da crise, o conhecimento sobre perdas e danos, suas modalidades e temporalidades por parte das instituições envolvidas, implica a produção de uma taxonomia que agrava tensões e consolida fissuras. Entre as categorias mobilizadas, existe uma distinção proposta pela International Finance Corporation (IFC 2002) entre deslocamento físico e econômico, com base no critério de perda de moradia ou perda de renda como resultado da tragédia. Essa distinção foi usada como linha de base para dimensionar “afetações” em termos de gravidade e grau de emergência, ordenando o cenário da catástrofe em situações diferenciadas de intervenção e resposta institucional.” (Zhouri et al. 2017 *apud* Zhouri et al., 2016a; 2016b).

Temos aqui um caso, no mínimo, incoerente onde a causadora do crime é quem dita quem é ou não é atingido e atingida. E, através de suas tabelas de critérios e valores, dita quem tem o direito ou não de ser ressarcido. Quem tem o direito ou não de *ser atingido*.

Simbolicamente, no caso de Goiânia, as estratégias do então governo, eram no sentido de mudar os significados das palavras relacionadas à radiação e trabalhar, através da manipulação do imaginário, a mudança das visões que se tinha sobre a Comissão Nacional de Energia Nuclear. Ademais, havia também um exercício de exaltação ao país por ter tido a capacidade de lidar com o problema sem precisar do auxílio exterior. Dessa forma, através do Projeto Goiânia, estabeleceram-se mudanças, mas duas pertinentes

chamam atenção por seu caráter estratégico de tentativa de encerramento do ocorrido e da tentativa de se tirar da visão a presença forte da radiação:

“Um dos resultados do Projeto Goiânia foi a transformação da área onde estava localizado o depósito temporário em Parque Estadual de *Abadias de Goiás*, que abriga o Centro Regional de Ciências Nucleares do Centro-Oeste, um complexo composto por sete unidades. [...]. Embora o discurso assumido na esfera pública enfatize o sucesso material e tecnológico, o estabelecimento deste centro evidencia também a realização, por parte dos peritos nucleares, da purificação simbólica que foi realizada através da eliminação das marcas que sinalizavam os malefícios da radiação.

Primeiro, o CNEN optou pela *construção de um depósito subterrâneo*. [...] os peritos nucleares realizaram o sepultamento do rejeito radioativo que, por dez anos [...] permaneceu visível num espaço aberto.

Segundo, o uso da representação de uma área para conservação ambiental supera e engloba a ideia de um local contaminado e perigoso. Na verdade, o Depósito Permanente integra o planejado Parque Estadual, cujo objetivo é a reconstituição da flora e fauna nativa, recuperando uma área degradada.” (CAMARGO DA SILVA, 2005, pp. 66-67. Grifos nossos).

Para aumentar o efeito desta última criação, optou-se pela realização do evento no Dia Mundial do Meio Ambiente, criando-se a expectativa de um ambiente saudável e afastando qualquer preocupação com elementos radioativos.

Cabe mencionar que o distrito de Abadia de Goiás, local onde a abertura da cápsula aconteceu, recebeu emancipação, tirando assim a ideia de contaminação e desviando a atenção do local contaminado da então nova Goiás que se desejava.

A criação do depósito subterrâneo evidencia esse tirar dos olhos a presença da radiação, criando-se então aquilo que pode ou não ser lembrado. Promove-se então o encerramento do desastre. No entanto, os elementos continuam vivos e em constante manutenção nas vidas dos atingidos que, passaram a ser chamados de “radioacidentados”, condição que se assemelha em parte aos povos afetados pelo crime-desastre da Samarco que passaram a se ver em um processo totalmente novo, de se perceber em nova categoria social antes desconhecida dos mesmos. O ser *atingida/o*.

O desastre como um processo, portanto, como uma experiência continuada, vem das narrativas e experiências dos sobreviventes do Césio 137 que fazem questionar as afirmações oficiais do término do desastre. Pois, enquanto no debate político e na esfera econômica se discutia o encerramento, os mesmos permaneciam em condições de necessidade para com a sua saúde física e mental. Os sofrimentos eram reais em seus corpos, simbólica e biomedicamente. Alguns afetados passaram a assumir o número 137 em suas vidas para que se mantivesse a memória viva do ocorrido e para que não se perdesse, apesar da pressão institucional, a lembrança do que passaram.

Camargo da Silva (2005) traz o exemplo de dois moradores em específico, João e Tereza que assumiram o número 137 em suas vidas, cada um à sua forma. João passou a escrever

o número em todo lugar e Tereza o colocou em seu nome. “Como uma metáfora do que a radiação causa nos descendentes de um indivíduo afetado, ela necessita ter um descendente para perpetuar seu nome” (p. 69). Isso faz parte do processo que se observa também entre os atingidos pelo rompimento da barragem da Samarco. É um processo imposto e com sequelas. O próximo item devotar-se-á, então, a elas/es.

### **ATINGIDAS/OS E MORADORES DO RIO DOCE**

Para além dos danos causados pelo rompimento da barragem da Samarco na vida material – o que é chamado de questões objetivas nesta pesquisa –, a pessoa da comunidade *passa a ser atingida e atingido* e precisa aprender a lidar com essa nova categoria em sua vida e tudo o que ela acarreta. Assim, é comum que se ouça em eventos (como os de que participei enquanto aluna de graduação, tanto na universidade em que faço graduação, a Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ou nos tempos de mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) que uma moradora ou morador *virou* representante da comunidade – na maioria das vezes os próprios moradores enfatizam o ato de *virar/passar a ser* representante ou algo do tipo, visto que se trata de algo imposto, sem possibilidade de escolhas.

Para além destes danos, aqueles que “escolhem” se manter em luta pelos direitos de atingidos acabam estigmatizados em dupla instância. Já o são enquanto afetados direta e indiretamente pelo rompimento, são assediados por meios de comunicação e diversos grupos de estudos e empresas, mas são ainda estigmatizados dentro da própria comunidade, pois “deixam” familiares, suas vidas e outras atividades para participarem das intermináveis reuniões e eventos. Assim como os “radioacidentados”, passaram a ser estigmatizados, chamados de atingidos e, também dentro de sua própria comunidade, passaram a ser chamados de nomes que insinuam a escolha por estar em constante contato com o tema mais do que com sua família. Como foi ouvido, por exemplo, naquele mesmo evento sediado pela UFMG já mencionado anteriormente, relatos de pessoas que passaram a ser chamados de “barragem”. Como foi o caso de uma moradora de Paracatu presente no evento e que fez tal desabafo.

Muitas implicações surgem disto, mas aqui serão elencadas apenas três por conta do recorte. Primeiro: o *poder da/na* fala; segundo: relações impactadas/quebradas – em três vertentes, as de amizade, as familiares e as humano-rio –; e terceiro: o impacto

psicológico e a necessidade de acompanhamento profissional dos atingidos – e com olhar prioritário destes que estão à frente de associações, promotorias populares.

A primeira implicação – o poder da fala – é percebida desde o momento inicial do evento-crime quando os atingidos relatavam que não sabiam o que fazer em relação a como se pronunciar, a quem recorrer, o que fazer em casos como estes, pois era algo totalmente novo para eles. Pude ter um contato mais direto com estas falas no período entre 2016 e 2018 enquanto atuei como voluntária e posteriormente como bolsista no Grupo de Pesquisas em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento (GEPPEDES). Foi quando me conectei a estas vidas e histórias as quais carregou comigo até hoje, sendo grata pela participação e atuação no mesmo grupo.

Desta forma, além deste momento, há a continuidade desta relação assimétrica percebida cada vez mais a cada vez que os atingidos eram levados à suspeição de suas categorias tradicionais, assim, lhes era/é sempre questionado sobre a veracidade de ser pescador, de ser produtor agrícola, de ser no seu sentido amplo um *atingido*. Porém, condição de atingido nesta circunstância refere-se aos padrões e classificações da empresa e acionistas, pois elas mesmas regularizam, para além de tudo, quem é ou não é atingido, o que causa ainda mais indignação nas comunidades.

Assim, nos documentos analisados, podemos perceber falas de moradores que vivem à jusante do rio Doce e que ainda não eram caracterizados como atingidos. Como foi o caso ocorrido em Colatina em 7 de fevereiro de 2017, por exemplo, quinze meses após o crime-desastre, a empresa ainda não havia colocado como atingidos os moradores do distrito de Itapina – Colatina/ES. No material, a fala de um morador chama atenção: “Pescadores, agricultores e comerciantes perderam os postos de trabalho e há mais de um ano passam necessidades”<sup>4</sup>.

Além deste exemplo muitos outros ocorrem. Nos momentos iniciais da chegada da onda de lama na região da foz, muitos moradores pescadores foram colocados em dúvida e ficaram sem poder acessar alguns “benefícios de atingidos” por não terem documentação que comprovasse sua atividade de pescador, mesmo que a atividade tenha sido praticada em sua família por gerações.

A segunda implicação – relações impactadas – refere-se às relações sociais e estruturais afetadas após o rompimento da barragem. A introdução constante de representantes das

---

4

Link para acesso: [https://www.facebook.com/search/top/?q=Atingidos%20pela%20Samarco%20ocupam%20ferrovia%20em%20Colatina%20FES%20Conflu%C3%Aancias&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=Atingidos%20pela%20Samarco%20ocupam%20ferrovia%20em%20Colatina%20FES%20Conflu%C3%Aancias&epa=SEARCH_BOX), acesso em março de 2020.

empresas nas comunidades, por exemplo. O mais frequente nas falas dos moradores é referente as ações antiéticas que pretendiam a desmobilização e o enfraquecimento dos mesmos através de introdução de intrigas que dividiam as comunidades – como também já apontado em Leonardo e Izoton (2018), e de forma semelhante em Zhouri e colaboradores (2017) em relação aos veranistas. Assim, a fala de uma moradora de Regência, adicionada na cartilha do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) de 2016, “Análise do MAB sobre o crime causado pelo rompimento da barragem da Samarco – Vale/BHP Biliton”<sup>5</sup> demonstra bem como a noção de *comunidade* foi abalada:

“As pessoas sentem falta de trabalhar, não querem abrir mão de sua capacidade produtiva. A lama tirou o que tínhamos de mais bonito que era nossa noção de comunidade. Despertou a ganância” (*Cartilha do MAB: “Não foi acidente – Tragédia anunciada”*, setembro de 2016).

Na maioria dos casos, trata-se de comunidades de pequenos produtores, ribeirinhos e/ou pescadores artesanais. Desse modo, o local, ou o território é o espaço onde as vivências e trabalhos são possibilitados. É a matriz referencial para a organização social, para o ordenamento da memória das gerações, onde se imaginam e onde se produzem o pertencimento e as identidades. É nesse âmago que se encontra a importância do local e dos vínculos de localidade formados pelos modos de territorialização (MENDRAS, 1978, p. 87). A complexidade da vida coletiva pode ser entendida, como visto em Mendras (1978), como uma coletividade baseada no interconhecimento, onde os relacionamentos são a base que funda a identidade distintiva de um lugar, pois ela carrega as relações de seus moradores. Assim, se percebe que a estrutura social está ligada ao local por meio de suas relações tanto entre pessoas, mas também das pessoas com os lugares – o que nos permite entender também como as relações humano-rio foram afetadas e que serão melhor debatidas no capítulo dois.

Percebe-se como a estrutura do interconhecimento das relações em comunidade foi afetada – trazendo o caráter simbólico e subjetivo das relações – quando se ouve o relato acima de que as relações de amizade entre os moradores foram alteradas, ou por representantes que introduziram nas comunidades falas e estratégias que dividiam os grupos, acarretando assim o enfraquecimento do movimento dos mesmos frente às empresas. Cabe ressaltar ainda que fazer parte destas reuniões e investir tempo de suas vidas a estes eventos passa a ser algo que os mesmos têm para se agarrarem à ideia de que um dia terão seus direitos levados em conta ou que terão suas “*vidas de volta*”. A

---

<sup>5</sup> Link para acesso: <https://issuu.com/mabnacional/docs/combinepdf>, acesso em março de 2020.

participação nos eventos passa a ser não uma escolha, mas uma implicação de vida e de esperança para o futuro.

É importante destacar também que dentro daquelas comunidades que precisam passar pelo processo de reassentamento forçado, muitos moradores destacaram que suas vilas não seriam reconstruídas em outros locais, pois não basta a mera construção física para que essas famílias voltem a si, pois suas relações foram quebradas, inviabilizando a reconstituição simbólica das estruturas sociais das quais faziam parte. Este é um ponto, inclusive, muito destacado em eventos e reuniões nos quais pude estar presente. As falas em eventos – como os sediados pela UFMG no programa Participa UFMG que contavam com moradores que estão passando pelo processo de início de reassentamento – destacam como o caráter desses reassentamentos não os agrada e não os contempla, da mesma forma como os cartões auxiliares, não se equiparam a como eram suas vidas antes. Assim, poderia ser mencionada aqui a fala pertinente de um morador de Mariana que proferiu em no evento “III UFMG Debate” a fala: *“reassentamento de casa não vai trazer de volta as relações... queremos voltar a si”*.

O terceiro ponto – impacto psicológico e acompanhamento profissional – trata-se de uma questão que deveria ser base para todas as ações das empresas para com os atingidos, pois as mudanças que têm em suas vidas são drásticas e não se comparam a nada já vivenciado pelos mesmos. Mesmo os moradores da região da foz do rio Doce e do litoral do Espírito Santo, que lidam há muitos anos com a pressão de grandes empreendimentos que os sufocam (PRATES, 2018), não tinham passado por algo da magnitude que o rompimento da barragem da Samarco trouxe para suas vidas.

Desse modo, é possível perceber uma complexificação das relações e estruturas destas comunidades. Houve uma sobreposição, nesse sentido, uma vez que o ocorrido modificou as relações dos indivíduos com o rio ou com o ambiente em que viviam, no momento em que se teve a chegada da onda de lama e materialização desta no rio e no Oceano (CREADO; HELMEREICH, 2018).

Em uma entrevista analisada, Ailton Krenak, indígena da etnia Krenak, falou sobre seu povo e suas relações com o rio, à montante. Tratava-se de povoados da região das nascentes dos rios Doce, Jequitinhonha e São Francisco que dependiam da pesca e criação do gado para a venda do leite, principalmente. Afirmou que o rio não é um simples corpo d’água, mas como um ancestral deles, com quem conversavam, tinham lazer, mas também se relacionavam espiritual e religiosamente:

“Meus filhos cresceram indo pra beira do rio, conversando com ele, assim como também fazia a minha mãe, a avó deles”

“Para os Krenaks o rio Doce tem vida, é uma pessoa. Falar dele é como se referir a um antepassado. Ele tem o dom de curar as pessoas, de alimentar a imaginação e os sonhos. É onde batizamos as crianças” (Ailton Krenak)<sup>6</sup>.

Contudo, após o rompimento, que ele chamou de *“envenenamento do rio”*, sua visão é de que *“não há mais vida no rio, está estéril, cheio de minério”* e de que *“parece que as mineradoras querem ficar só nisso, vão enrolar, enrolar, até que todo mundo esqueça, que tenhamos uma tragédia ainda maior. Isso é revoltante”*. É importante salientar que essa entrevista analisada para a pesquisa ocorreu em 2016 e que, no ano de 2019, no mês de janeiro rompeu-se a barragem de rejeitos de minérios da mesma mineradora, Samarco, em Brumadinho, também em Minas Gerais. A Mina Feijão ficava há 57 km de Belo Horizonte e a área administrativa da empresa foi intensamente afetada por conta de sua má localização, abaixo dos níveis da barragem.

Percebe-se então a importância das relações subjetivas com o rio que permeiam a vida dos povos acionados. Usamos a terminologia relações subjetivas em contraste com relações comumente chamadas de objetivas e, que vêm há muito sendo enfatizadas em diversos trabalhos que têm como foco o tema aqui colocado, mas que se ocupam principalmente com as perdas materiais e físicas monetizáveis que os atingidos obtiveram através do rompimento da barragem.

Assim, é comum que se ouça que um pescador teve a perda de sua principal fonte de renda, a pesca. O ribeirinho perdeu a sua principal fonte de lazer, o banho no rio agora contaminado; o produtor perdeu a sua lavoura. O que foi proposto no presente trabalho é que se olhe mais a fundo para as relações que permeavam estas atividades. Assim, se compreenderão as questões por trás daquele ato de ir pescar que foi interrompido. Aquilo que dinheiro algum poderá paga, pois muito do que havia ali não é mensurável monetariamente

Desta forma, tem-se que não era apenas um “ir pescar”, era um pescar porque o pai do indivíduo pescava, porque o avô pescava e assim por diante. E, para além disto, o indivíduo atingido tinha em seu interior que assim também seria com seu filho, com seu neto... Deste modo, observa-se que o elo que mantinha essas gerações ligadas foi quebrado com a chegada da lama e toda a discussão sobre sua toxicidade, além de ter sido enfraquecida essa relação entre gerações em direção ao passado e ao futuro, gerando inseguranças no ato de pesca no momento presente.

---

<sup>6</sup> Link para acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/minhahistoria/2016/03/1743868-e-crime-uma-pa-de-lama-no-rio-doce-diz-indio-sobre-desastre-em-mariana.shtml>, acesso em março de 2020.

Feita essa ênfase do que seriam as relações subjetivas, passaremos para as análises obtidas na pesquisa realizada entre 2019 e 2020. No momento desta escrita, a pretensão é de que continuemos com a mesma, através de uma pesquisa em pós-graduação e com a produção de um possível artigo.

### 3. CAPÍTULO 2

#### AS/OS ATINGIDAS/OS HUMANOS EM DOCUMENTOS TEXTUAIS E IMAGÉTICOS

Como mencionado anteriormente, a metodologia selecionada foi a de categorização e análise de documentos textuais e imagéticos que versavam sobre o rompimento da barragem da empresa Samarco, no ano de 2015 na cidade de Mariana, Minas Gerais. Posteriormente houve realização de leitura e análise da *linguagem* textual e imagética desses documentos para que se percebesse se: a) seria possível verificar se houve alguma variação na fala: indo de “evento sem precedentes”, “desastre” ou “acidente”, para uma fala mais denunciadora, colocando como “crime”, “crime ambiental”, “crime socioambiental”, dentre outros; b) se seria possível analisar no interior dessa variação de termos, a diminuição do conteúdo emotivo em torno do ocorrido e o aumento do conteúdo técnico, cientificamente embasado, mas nem por isso politicamente neutro, baseados nos estudos sistematizados a partir do ocorrido; e c) perceber/criar uma linha do tempo para que se discuta se houve uma descontaminação simbólica através da divulgação de materiais relacionados ao tema e ao longo do tempo.

Desta forma, foi elaborada uma Ficha de Análise preliminar onde os dados dos documentos textuais ou visuais seriam distribuídos após cada leitura ou armazenamento para leitura posterior (a ficha está nos anexos). Assim, pôde-se coletar detalhes dos mesmos para uma melhor análise. A primeira verificação assentava-se sobre a data específica do documento, para que se verificasse a possibilidade da criação da linha do tempo sobre possíveis mudanças no enfoque do assunto e na frequência da aparição do mesmo. A segunda, a como esses documentos se referiam às condições aquáticas quando possível. E a terceira observação principal desta ficha referia-se a como o documento tratava do ocorrido de maneira geral. Portanto, esses foram três eixos principais dessa ficha de análise que embasaram as observações.

#### **Estratégias discursivas**

É comum que se ouça dos atingidos que as empresas usam de falas muito técnicas e, com isso, inviabilizam a participação ativa deles nos processos de decisões. Desse modo, não é difícil ouvir também da parte deles em eventos – como aqueles realizados por Universidades a fim de se dar fala aos mesmos – que sua presença em algumas reuniões

e audiências é algo facultativo, visto que a empresa já estaria fazendo “*tudo que for necessário*” por eles. Dificulta-se assim a participação dos principais interessados nas pautas discutidas nesse processo (pretensamente) democrático e importante que envolveria as reuniões. Como Comerford (1999, p. 48) sinaliza em caso díspar, porém pertinente, as *reuniões*:

“[...] são muitas vezes pensadas explicitamente [...], como um momento fundamental de *participação*, de *democracia* e de *organização*, uma oportunidade para que *todos falem abertamente o que pensam*, um espaço para *tomar decisões* coletivamente, pelo consenso ou pelo voto, um espaço para tornar públicos os problemas e dilemas da organização ou de seus membros, e ainda um espaço para *aprendizado* e para a *conscientização* através da discussão participativa, reflexiva e livre. Tudo isso deve se dar fundamentalmente através de *discussões*, nas quais cada participante individualmente tem, [...], direito à palavra, possibilidade de externar suas opiniões, dúvidas e propostas” (COMERFORD, 1999, p. 48, grifos do autor).

Num contexto em que a posse de documentos é necessária para comprovação de inúmeros elementos e direitos, para a questão do atingido não seria diferente. Foucault (2008) atenta que o *discurso* é um dos elementos que produz poder, e é nesse âmbito que acontecem as opressões percebidas pelos atingidos enquanto desprovidos dessa capacidade de linguagem técnica e documental colocada por grandes empresas, em convívio com o Estado, como necessária para participarem dos eventos onde são eles mesmos quem deveriam ser os protagonistas principais, mas são colocados em suspeição enquanto atingidos.

É nesse sentido que surge o interesse na análise da variação das linguagens em torno de documentos que mencionam o ocorrido e que se referem diretamente aos atingidos pelo rompimento da barragem da mineradora Samarco, pois são uma tentativa de se observar quais interesses podem estar ali envolvidos ou não, quais vozes estariam ali acionadas e quais estariam silenciadas (HANNIGAN, 1997). Assim, seguem algumas observações feitas de documentos como reportagens e/ou publicações em sites informativos bem como em páginas da plataforma Facebook voltadas a esse assunto.

### **Variação linguística dos documentos**

- Sobre as condições aquáticas

Sobre as questões referentes às águas e às condições aquáticas, pode-se dizer inicialmente que foi possível perceber uma variação nos modos a como estavam referidas no decorrer do tempo, mas houve a predominância da palavra “lama”. Assim, observou-se que

documentos iniciais – mais próximos a data do rompimento – usavam termos como *rejeitos*, *água contaminada*, quando se referiam ao rio Doce, e até a palavra *dejeito* foi utilizada em uma matéria do jornal Gazeta Online, em março de 2016.

Nos três meses posteriores ao rompimento, um primeiro grande estudo foi feito, um ofício contendo importantes entidades – Centro Tamar, UFES, UFRJ, FURG, IBAMA, ICMBio, dentre outros – que colocou a palavra *sedimento* e também *pluma de rejeitos* para se referir às condições aquáticas em seus estudos. O mesmo tratava do resultado preliminar da avaliação do *impacto* do então *acidente* da Samarco no ambiente marinho. Uma matéria do jornal *online* Folha de São Paulo (divulgada no dia 31 de fevereiro de 2016)<sup>7</sup> que pretendia divulgar que a Vale teria realizado modificações estruturais e também do conteúdo da barragem que se rompeu um mês após o ocorrido e, que segundo a Polícia Federal, em relatório, as modificações seriam para que a empresa se eximisse de suas responsabilidades. Essa reportagem se refere às condições aquáticas como *rejeitos*, *lama*, mas também como *arenosos*. O curioso dessa reportagem da FSP é que traz em seu corpo duas artes que possibilitam a visualização do caminho percorrido pela lama, desde seu rompimento até o mar de Regência, no Espírito Santo e outra contendo uma linha do tempo dos principais acontecimentos no dia do rompimento – contendo até mesmo os horários. A reportagem traz também imagens em um álbum titulado: “Bento Rodrigues após a lama”, do fotógrafo Tadeu Jungle, que demonstram a calamidade em que ficou a cidade após o crime-desastre.

Em publicação na página do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), ainda em novembro de 2015<sup>8</sup>, a página tinha por interesse denunciar que quatro jovens haviam sido presos por sujarem a parede de uma Câmara em uma intervenção teatral (a postagem não especifica qual Câmara nem a qual município estaria ligada), destaca apenas que a parede foi limpa após a intervenção. A publicação destacava que os jovens haviam sido presos nesse contexto, enquanto os diretores da Vale, responsabilizados por vários crimes, continuavam soltos. Nesta publicação, a página se refere às condições das águas como *lama tóxica* trazendo o teor perigoso do elemento que levou a mortes, desaparecimento de pessoas, destruição de lares, *contaminação ambiental* e demais prejuízos aos atingidos.

---

<sup>7</sup> Link para acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1776525-vale-adulterou-dados-sobre-lama-em-barragem-apos-tragedia-diz-pf.shtml>, acesso em março de 2020.

<sup>8</sup> Link para acesso: <https://www.facebook.com/MovimentoSemTerra/photos/a.240334522705936/1000778979994816/?type=3&theater>, acesso em março de 2020.

O que intriga neste documento é o fato de que os quatro manifestantes foram presos por “crime ambiental” ao protestarem contra um *crime ambiental*.

Outros documentos dizem respeito a publicações da Página do Facebook “Voz da Natureza”, de viés ambientalista, em 04 de novembro de 2016, que pretendia divulgar estudo publicado pelo “Boletim de Poluição Marinha”<sup>9</sup> que abarcava o mar do sul da Bahia, ES, e norte do Rio de Janeiro – observando a “chegada da lama de rejeitos no Oceano Atlântico”<sup>10</sup> e início da dispersão do material pelo/no mar. Referenciou as condições aquáticas como: *lama de rejeitos*, que foi o modo mais recorrente, mas também como *pluma do rio Doce*, *Água doce de pluma do rio*<sup>11</sup>. Os últimos termos chamam atenção, pois como será discutido mais à frente, a forma discursiva tem força nesses documentos, uma vez que cria uma imagem de que a pluma pertence ao rio Doce, quando na verdade foi imposta a ele, mas isso será pauta para outro momento.

Pode-se concluir até aqui que os primeiros meses trouxeram consigo publicações e reportagens que continham as palavras *pluma*, *sedimentos*. Já em momentos posteriores houve a variação para palavras como *rejeitos*, *rejeitos de minério*, como alguns dos documentos observados e apontados aqui. Outros documentos que auxiliaram nessa verificação não estão presentes no corpo deste trabalho, antes, foram utilizados para realização de outro texto mais específico sobre a Desintoxicação simbólica através dos textos reportagens lidas no decorrer da pesquisa. Para a realização deste texto monográfico pude realizar um olhar mais fluido, que permitiu que versasse sobre documentos mais espaçados no tempo, naquele outro texto, o tempo foi mais específico – novembro de 2015, mês do rompimento, até abril de 2016.

#### - Sobre o rompimento

Sobre o modo como os documentos se referiam ao rompimento propriamente dito, entendido aqui como evento crítico, muitas são também as variações, porém se verificou uma maior constância do termo *desastre*, por parte das reportagens e figuras públicas, e

---

<sup>9</sup> Link para acesso: [https://www.facebook.com/search/top/?q=voz%20da%20natureza%20boletim%20de%20polui%C3%A7%C3%A3o%20marinha&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=voz%20da%20natureza%20boletim%20de%20polui%C3%A7%C3%A3o%20marinha&epa=SEARCH_BOX), acesso em março de 2020.

<sup>10</sup> Link para acesso: <https://www.facebook.com/vozdnatureza/photos/a.317070591684123/1211862888871551/?type=3&theater>, acesso em março de 2020.

<sup>11</sup> Link para acesso: <https://www.facebook.com/vozdnatureza/photos/p.1211862352204938/1211862352204938/?type=1&theater>, acesso em março de 2020.

*crime* por parte dos atingidos. Alguns exemplos serão destacados a seguir. É interessante perceber que, desde o início, atingidos se manifestavam dizendo que aquilo se tratava de um crime anunciado, denunciando que as empresas responsáveis tinham ciência das condições de suas barragens e agiram irresponsavelmente quando não tomaram ações para que se evitassem os danos acarretados pelo rompimento. Importa destacar, portanto, que, desde o início, grupos de atingidos já se referiam à Samarco e à Vale como criminosas.

Como mencionado acima, na página do Fórum Capixaba em Defesa da Bacia do Rio Doce, em novembro de 2015, quatro jovens foram presos após intervenção na frente da Câmara. Esta reportagem tratou o ocorrido como *contaminação ambiental*. Semelhantemente, no mês de novembro do mesmo ano, um morador de Regência/ES referiu-se ao mesmo de forma denunciadora, através da escrita/hashtag: #NãoFoiAcidente em sua página do Facebook enquanto denunciava a situação das tartarugas no litoral de Linhares, essa publicação foi também compartilhada pela página Mídia Ninja, com viés ativista, que tituló a postagem como “DIAS E NOITES DE TERROR PARA AS TARTARUGAS NO ES #TratoresDaSamarco”<sup>12</sup>. Os tratores tentavam abrir a boca do rio na tentativa de “diminuir” os danos ao ambiente e às pessoas por conta também do receio que havia na vila de Regência de que ocorresse algum tipo de inundação pela lama, como o registrado em vários materiais (como o material visual “Últimos Dias em Regência”, disponibilizado na página da TV Ufes, na plataforma do Youtube, 2015; CREADO *et al.*, 2016)<sup>13</sup>. Os tratores passavam por locais onde existiam ovos de tartarugas o que causava a perda da qualidade do habitat das mesmas e o estresse do local onde havia seus ovos. Estes exemplos marcam desde o início as denúncias dos moradores e atingidos pelo rompimento em suas falas reproduzidas nas reportagens.

Outro documento citado anteriormente e produzido a partir de entidades importantes em 2016, referiu-se ao ocorrido como *acidente*. Baseou-se em estudo realizado a bordo do navio Soloncy Moura, com elaboração de Nota Técnica Conjunta e Informação Técnica que culminaram no envio dessa nota ao IBAMA com sugestão da manutenção da proibição da pesca na área – onde já havia o estabelecimento desta proibição por decisão judicial. O estudo destacava a acumulação de metais além do normal em zooplânctons, em pontos mais próximos da foz do rio Doce, mas também em Abrolhos, arquipélago ao

---

<sup>12</sup> Link para acesso: <https://www.facebook.com/ESNINJAES/posts/922533987782527>, acesso em março de 2020.

<sup>13</sup> Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=1Ynmu5uXD9Q>, acesso em março de 2020.

sul da costa da Bahia. As informações apresentadas por pesquisadores da UFES e da FURG implicaram, então, na proibição da pesca de camarão e demais recursos pesqueiros na região próxima à foz do rio Doce (em Aracruz e Linhares/ES), impossibilitando assim que a atividade fosse realizada por aqueles que dela dependiam das mais variadas formas e com os mais diferentes tipos de engajamentos.

Numa reportagem já mencionada e veiculada pelo Jornal online Folha de São Paulo, em março de 2016, a mesma se refere ao ocorrido como *tragédia*, mas o entrevistado, Ailton Krenak, morador da área mais à montante no rio, em Minas Gerais, se refere a ele como *envenenamento do rio*. O título da reportagem retomou a frase de Ailton: “*É crime, uma pá de lama no rio Doce*”, diz líder indígena sobre *tragédia*”<sup>14</sup>. Bem como no anúncio do documentário “*Rio de lama; a maior tragédia ambiental do Brasil*”, de Tadeu Jungle, pela Folha de São Paulo, também de março de 2016, onde para a reportagem, tratava-se de um *desastre*, enquanto para o fotógrafo e roteirista Jungle, tratava-se de um *crime*.

No primeiro semestre de 2016, pouco tempo após o ocorrido, o Site do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG divulgou Publicação de editorial em seu site. André Prous – Editor dos Arquivos do MHN-JB da UFMG – solicitou a colegas de diversas áreas do saber que fizessem textos reflexivos através de suas óticas a fim de subsidiar pesquisadores universitários no trabalho com o tema<sup>15</sup>. Trouxe, então, no corpo da divulgação, breve resumo de cada texto contido na edição especial. A divulgação no site inicia-se com um breve resumo do ocorrido em 2015, que afetou mais de 3.000.000 pessoas e seus modos de vida, observando que, de imediato, TVs, rádios e jornais divulgaram depoimentos de moradores e vítimas, mas que, logo após, o foco teria sido mais na questão econômica. Aponta a questão das muitas falas e contradições e da dificuldade de se saber em que fonte confiar. No decorrer da apresentação, refere-se ao ocorrido como *catástrofe, maior catástrofe ambiental, drama e desastre*.

No fim do mês de novembro, ainda em 2015, um artigo de opinião do site de informações, artigos e notícias socioambientais EcoDebate destacou a ação da Vale e dos seus acionistas e chamou para uma mobilização contra a mineradora brasileira. Neste artigo<sup>16</sup>, era possível perceber o início da ideia da criação de uma Comissão remunerada de

---

<sup>14</sup> Link para acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/minhahistoria/2016/03/1743868-e-crime-uma-pa-de-lama-no-rio-doce-diz-indio-sobre-desastre-em-mariana.shtml>, acesso em março de 2020.

<sup>15</sup> Link para acesso: <https://www.ufmg.br/mhnjb/revista-arquivos/volume-24-n-1-2/>, acesso em março de 2020.

<sup>16</sup> Link para acesso: <https://www.ecodebate.com.br/2015/11/30/a-vale-acabou-com-o-rio-doce-artigo-de-paulo-j-p-mancini/>, acesso em março de 2020.

moradores de Bento Rodrigues para acompanhar operações da empresa, que funcionasse como um controle externo à empresa. Esse artigo se referiu ao ocorrido como “*tragédia do vale (de lama e lágrimas) do Rio Doce*”.

Em março de 2016, uma reportagem do jornal ES Hoje, publicou sob o título de “Defensoria do Es questiona termo de acordo para a criação do fundo” que a Defensoria Pública capixaba foi à 12º Vara Federal de Belo Horizonte com petição para questionar procedimentos e conteúdo do Termo de Ajustamento de Conduta<sup>17</sup> que havia sido elaborado. Foi feito também o pedido para que a Defensoria entrasse no processo para que se garantisse a defesa de todas as pessoas que estavam em situação de necessidade por conta do ocorrido. Foi questionada também a viabilização da participação integral da sociedade, em especial dos atingidos, no caso. Este documento se referiu ao ocorrido como *tragédia socioambiental e desastre sem proporções*.

Uma notícia de abril de 2016 do jornal online Século Diário, sob o título “Fórum em defesa do Rio Doce reforça urgência por estudos independentes no crime da Samarco/Vale-BHP”<sup>18</sup>, referente à reunião em Washington, da Organização dos Estados Americanos OEA, e ao protesto realizado no Palácio de Anchieta, no Centro de Vitória/ES. Nela, pôde-se observar que o autor/a da matéria usou as palavras: “*maior desastre e crime ambiental que o Brasil já presenciou*”, já o advogado ouvido, membro da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória (CJP/ES), Bruno de Souza Toledo, que levou falas importantes ao evento do Centro Internacional de Direito Ambiental, disse se referindo ao tema: “*não foi um acidente. Foi o maior crime ambiental do Brasil, um crime socioambiental*”.

Em maio de 2016, a Gazeta Online se referiu ao rompimento como *acidente*, ao publicar a matéria “Funcionários da Samarco fazem manifestação na Praça do Papa, em Vitória”<sup>19</sup> onde abordava a movimentação de trabalhadores que se manifestavam e que estavam incertos sobre seus empregos já que a empresa Samarco com sede em Anchieta/ES ainda estava com suas atividades paradas e sem data prevista para retorno. Abordou ainda que a mesma trabalhava para voltar logo aos serviços, no entanto, estudos apontavam que,

---

<sup>17</sup> Instrumento jurídico que impõe que a empresa causadora de danos se adeque às legislações vigentes. Para que a mesma tome medidas necessárias e demais atitudes que os órgãos pertinentes considerarem necessárias, possibilitando assim, a descontinuidade de situações danosas às pessoas e/ou entes afetados por tal. Portanto, trata-se de um acordo firmado por ambas as partes, (Ministério Público e o/a violador/a) evitando uma possível ação judicial.

<sup>18</sup> Link para acesso: <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/forum-em-defesa-do-rio-doce-reforca-urgencia-por-estudos-independentes-no-crime-da-samarco-vale-bhp>, acesso em março de 2020.

<sup>19</sup> Link para acesso: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2016/05/funcionarios-da-samarco-fazem-manifestacao-na-praca-do-papa-em-vitoria-1013946417.html>, acesso em março de 2020.

caso voltasse, voltaria com 60% de sua capacidade, o que acarretaria a demissão de boa parte desses trabalhadores.

A reportagem “Protesto de moradores chega ao quinta dia em Regência”<sup>20</sup> do jornal Século Diário de junho de 2016 divulgou o protesto pacífico de moradores da região norte do ES (Regência), onde a Samarco não estaria aceitando manter um diálogo sobre os pedidos de ampliação dos auxílios emergenciais a mais afetados nem dar atenção maior aos moradores. Usou-se para referência do ocorrido: *Crime do rompimento da barragem*. Na cartilha do MAB<sup>21</sup>, de setembro de 2016, mencionada anteriormente, todas essas terminologias para referenciar o ocorrido foram utilizadas: *crime, tragédia anunciada, tragédia, maior tragédia socioambiental da história do Brasil*. No mesmo mês, uma publicação de Facebook do Fórum Capixaba em Defesa Da Bacia do Rio Doce que tinha como objetivo divulgar que os povos moradores do assentamento de Sezínio em Linhares/ES, agricultores, estavam passando por problemas com o cultivo de seus produtos<sup>22</sup>. Perderam grande parte de suas terras agricultáveis e a Samarco até então não havia assumido responsabilidade para com eles. Desta forma, estavam impossibilitados de plantar no local e, com isso, suas vidas estavam afetadas não só economicamente, como explanado anteriormente. A publicação em questão se referiu, portanto, ao ocorrido como *Crime ambiental*.

É possível ver as variações relacionadas aos modos de se referir ao ocorrido quando se observa que os primeiros documentos se referiam a ele como *catástrofe, maior catástrofe ambiental, drama e desastre*. Num momento posterior, houve mudanças e aumento da constância da palavra *crime*, o aditamento do elemento *ambiental* adicionado a *crime* e, posteriormente, o entendimento do *social* também como uma arena afetada pelo *crime-desastre*. Adicionados a isto, esta pesquisa ressalta também o caráter *cultural* dessas populações ao indagar que suas socialidades foram intrinsecamente afetadas com o ocorrido.

---

<sup>20</sup> Link para acesso: <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/protesto-de-moradores-chega-ao-quinto-dia-em-regencia>, acesso em março de 2020.

<sup>21</sup> Link para acesso: <https://issuu.com/mabnacional/docs/combinepdf>, acesso em março de 2020.

<sup>22</sup> Link para acesso: [https://www.facebook.com/search/top/?q=F%C3%B3rum%20Capixaba%20em%20Defesa%20Da%20Bacia%20do%20Rio%20Doce%20%20assentamento%20de%20sez%C3%ADnio&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=F%C3%B3rum%20Capixaba%20em%20Defesa%20Da%20Bacia%20do%20Rio%20Doce%20%20assentamento%20de%20sez%C3%ADnio&epa=SEARCH_BOX), acesso em março de 2020.

#### 4. CAPÍTULO 3

### OBSERVANDO IMAGENS

No dia 10 de julho de 2016 a página do Facebook “Fórum SOS Rio Doce Colatina” publicou vídeo intitulado “Meu Rio Doce”<sup>23</sup> em que moradores, afetados pelo rompimento davam entrevistas e falavam questões pertinentes para este trabalho. No vídeo, foram ouvidos pescadores, moradores, jovens e indígenas Krenak, em MG.

Suas vozes, que tinham em rodapé tradução para a língua inglesa, dando possibilidade de maior visibilidade e abrangência, se misturavam aos sons do rio e suas falas variavam de tristeza, no início do vídeo, com o tom de esperança ao final quando falavam da possibilidade de uma união de todos os povos atingidos por esse rompimento em uma só força contra a mineradora causadora das dores que vinham sentindo.

As falas dos moradores no vídeo, que serão discutidas adiante, são muito importantes, pois reforçam as hipóteses deste trabalho quando demonstram que as vivências e relações impactadas não foram tão somente materiais, mas formas de relações imbricadas, indivisíveis entre rio, trabalho e vidas que foram afetadas. Assim, podemos perceber nas falas a seguir os seguintes apontamentos referentes às relações *humanas – rio* que foram alteradas:

“E agora o nosso povo se vê sem esse rio, mesmo ele estando aqui. Então essas águas para nós hoje não... não faz sentido mais, até porque a gente tem um relacionamento com o rio que vai além do que água pra beber, do que tomar banho, do que subsistência, do que peixe, caça. Vai muito mais além disso” (Douglas Krenak, Resplendor – MG. ‘00:24).

---

<sup>23</sup> Link para acesso: [https://www.facebook.com/search/top/?q=F%C3%B3rum%20SOS%20Rio%20Doce%20Colatina%20Meu%20Rio%20Doce&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=F%C3%B3rum%20SOS%20Rio%20Doce%20Colatina%20Meu%20Rio%20Doce&epa=SEARCH_BOX), acesso em março de 2020.



Figura 2: Douglas Krenak relata seu sentimento de tristeza sobre as pedras e o rio com coloração marrom.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=287985408220490>, acesso em março de 2020.

Referente a *como era o rio antes e como ficou após a lama*, agora em um relato de Thalena Pereira, moradora de Regência Augusta – na região da foz do rio Doce – no mesmo vídeo:

“Minha alma, assim, fica muito machucada mesmo de ver tudo isso, que era transparente, era verdinho, um dia depois... vê tudo isso assim, dessa cor de... laranja, meio cor de sangue, assim” (Thalena Pereira, Regência – ES. '00:03).



Figura 3: Thalena relata dor ao olhar para o rio e vê-lo da forma que estava.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=287985408220490>, acesso em março de 2020.

Sobre a *Relação econômica*, no mesmo vídeo pegamos o trecho de Douglas Ponche, morador de Colatina/ES e Benin Cordeiro, morador de Governador Valadares/MG onde a acionista Vale é citada e também as afetações referentes à não monetização das dores:

“E hoje eu vejo uma tragédia dessa, eu achei que nunca isso ia acontecer, do que eu tô vendo hoje, que tô sentindo no meu coração. Minhas lágrimas estão descendo dos meus olhos... enquanto a Vale tá rindo, estão descendo minérios e mais minérios, vagões e mais minérios, de dez minutos em dez minutos...” (Douglas Ponche, Colatina – ES. '00:44).

“Pra falar a verdade, na minha concepção, se você pagasse R\$ 50 mil, R\$ 100 mil, eu acho que não pagaria nem o prejuízo, porque eu tenho amigo meu que tá doente porque esse rio é a vida deles, você tirou, não tirou os peixes, não tirou o trabalho, você tirou a vida dele”. (Benin Cordeiro – Governador Valadares – MG. '01:00).



Figura 4: Em uma garrafa de água mineral, morador mostra coloração da água no rio Doce.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=287985408220490>, acesso em março de 2020.

Quando questionados com a pergunta colocada na legenda da publicação: “*E se os próprios moradores que vivem às margens do Rio Doce relatarem de maneira livre sobre maior crime ambiental da história do Brasil?*”, os produtores do Meu Rio Doce obtiveram as seguintes respostas:

“Pra mim isso foi uma grande ideia. Porque pelo que eu senti desde o desastre... que a mídia anda manipulando as informações. Então ter uma rede livre que mostra a realidade do que está acontecendo na região, eu acho maravilhosa. Inclusive, quero fazer parte dela!” (Benin Cordeiro, Gov. Valadares – MG. '01:55).

Enquanto Danielly Cypriano, moradora de Baixo Guandu/ES, responde citando a respeito de outra preocupação, também mencionada neste trabalho: “Eu acho legal porque agora

tá todo mundo falando, é o assunto do momento, mas uma hora vai cair no esquecimento” (‘02:13).

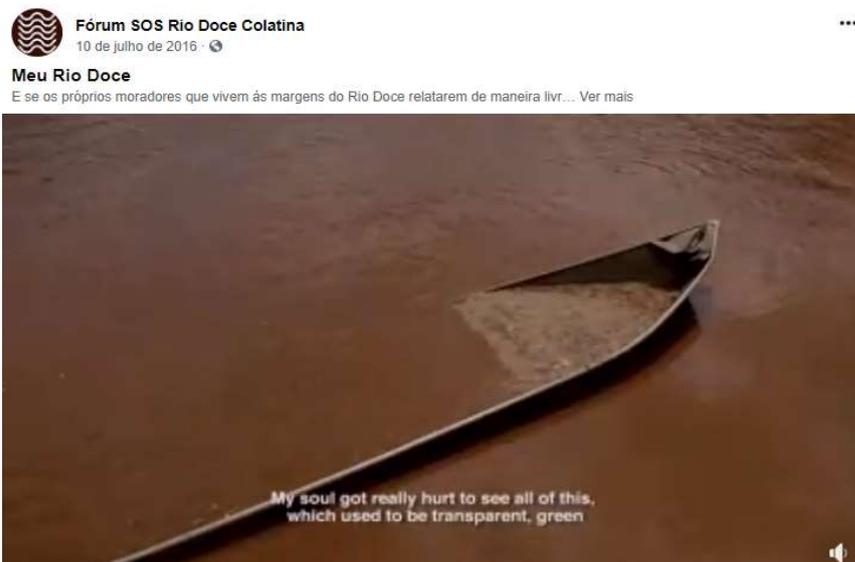


Figura 5: Bote abandonado e coberto por água do rio misturada com lama.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=287985408220490>, acesso em março de 2020.

O desejo de Benin ressoa juntamente com a fala de Danielly e outros moradores quando destaca a vontade de participação em um grupo que compartilhe de forma consciente suas próprias visões de como vêm lidando com os desdobramentos do rompimento da barragem, mas não só disto, assim como destaca Dornelles (p. 122, 2008), há a necessidade de que se crie, imediatamente, mais canais de investigação e difusão de informação baseada nos saberes locais, de forma democrática e que ponha fim na ideia fictícia da “neutralidade e imparcialidade da imprensa”. A necessidade é de uma imprensa que “passe a defender explicitamente os interesses do povo, da sociedade como um todo, e não apenas de sua elite”. (p. 124)

As falas destes moradores juntamente com as demais mencionadas no decorrer do trabalho foram de grande relevância para projeto de pesquisa aqui tratado tanto no que diz respeito às relações humanas e não-humanas nelas implicadas quanto na preocupação que se refere ao esquecimento simbólico aqui também apontado. São importantes para essas populações que, de certa forma, estão mais interessadas em ter suas antigas relações novamente do que em ter cartões de beneficiamento disponibilizados pelas empresas – como poderá se perceber na fala de Francisco mais adiante (em outro vídeo) acerca do que ele espera ou não da Samarco. Isso fica evidenciado no vídeo mencionado, pois há a

predominância da fala e de saberes locais e tradicionais em detrimento de outros materiais predominantemente encontrados em outras plataformas de compartilhamento de notícias, por exemplo, que se utilizam de suas próprias estratégias discursivas e técnicas de criação e propagação de notícias, geralmente voltadas a interesses mercadológicos, como o apontado em outro estudo (OLIVEIRA, 2018).

Outro vídeo, que termina com a frase “É sempre bom olhar para todos os lados”, tem essa preocupação ao mostrar como a vida de Francisco Vicente Leite de Oliveira – um afetado pelo rompimento da barragem da Samarco – foi transformada. A página do Facebook Confluências, no dia 18 de fevereiro de 2016, compartilhou o vídeo “100 dias depois”<sup>24</sup>, que mostra, através das falas do próprio Francisco, como era sua rotina, de onde vinha seu sustento e como estava sua vida após a chegada da lama na Ilha das Orquídeas, local onde vivia e de onde tirava seu sustento. Entre imagens do rio, das plantas e de animais que criava, pode-se ouvir suas indagações e angústias trazidas com a lama em comparação com as memórias de momentos anteriores à chegada da mesma.

A descrição do vídeo traz detalhes:

“Este é Francisco. Ele mora em uma ilha banhada pelo Rio Doce. Ele possuía cerca de 480 galinhas que eram criadas soltas e 30 dias após a passagem dos rejeitos da Samarco, apenas 15 galinhas sobreviveram; de 42 suínos, sobreviveram 16; 2 gatos e ambos morreram; 3 cães, 1 sobreviveu...”. (Confluências, 2016).

Enquanto imagens de Francisco em seu bote – cheio de lama por dentro – remando até chegar à sua casa são mostradas, ele conversa com os produtores do vídeo e diz: “estamos aqui agora navegando no meio do rio Doce. Antigo rio Doce, hoje, um rio de lama. Atravessando para Ilha das Orquídeas, onde é minha residência...” (‘01:06). A Ilha onde Francisco morava fica em Baixo Guandu, primeira cidade do estado do Espírito Santo a ser afetada pela lama.

---

<sup>24</sup> Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=452652974926185>, acesso em março de 2020.



Figura 6: Francisco rema sob o rio em cor marrom, indo para ilha das Orquídeas.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=452652974926185>, acesso em março de 2020.

O vídeo mostra a nova rotina de Francisco, indo levar o alimento para suas criações, ou o que sobrou das mesmas e, enquanto isso ele vai dizendo como era sua vida e como vinha sendo depois do rompimento, destacando pontos importantes como quando fala da sensação de liberdade que sentia ali onde morava, chamando a atenção para como era a sensação de morar ali e como esse local se difere de outros:

“... aqui eu comecei com um barraquinho, fui ‘espichando’, hoje tá desse jeito. Não é uma casa digna igual na cidade, mas pra mim é digna, porque ela me protege do vento [...], tenho minhas criações. Por mim aqui não tinha nem parede, nem cerca. Porque... eu tô na natureza, eu tô livre aqui.” (‘03:04).

São falas como essas que ressaltam que suas cidades ou bairros não poderão ser recriados em outros locais porque não será a mesma coisa. E, de fato, não serão. Falas assim aparecem mais nos registros com moradores do estado de Minas Gerais, como os de Bento Rodrigues, onde seus moradores passaram – e ainda passam – por processo de reassentamento.

O vídeo com Francisco, de Baixo Guandu/ES, segue com ele fazendo um balanço de quantas criações tinha e de quantas sobreviveram, e, quando se refere às criações que sobraram, diz:

“Essas aqui são as sobreviventes da lama da Samarco...” (‘04:24).

É possível perceber em sua fala o sentimento de desânimo e frustração quando fala da situação da vegetação que envolve a casa:

“...depois que a lama chegou, tá desse jeito porque eu não sei explicar, perdi o ânimo, perdi a coragem de limpar e manter isso aqui limpo, porque... vou limpar pra quê hoje?! Pessoal que tinha que tá aí, que vinha tomar banho no rio, não vem mais. Deixa a natureza recuperar um caminho, e fazer melhor uso, o homem não sabe fazer...” (‘04:40).

O morador faz questão de que a pessoa com a câmera mostre os resíduos de minério presentes no rio e destaca o lazer afetado: “... lugares de tomar banho, nadar, praticar o caiaque, remo. Essa poluição aqui, óh, não existia. Esse resíduo de minério...”, fala enquanto aponta para material misturado com areia e “água” do rio, “óh, esse troço preto, isso é minério... é resíduo de mineração” (‘05:30), pega a “areia” nos dedos e mostra para a câmera.



Figuras 7 e 8: Francisco aponta e mostra o resíduo de mineração na areia do rio Doce.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=452652974926185>, acesso em março de 2020.

Francisco demonstra como a relação com o espaço e a família foi modificada, demonstrando como a afetação ocorrida está além do âmbito econômico:

“Os meninos viviam livres, correndo atrás dos porcos, galinhas, cachorro e gato. Tomava banho no rio a hora que queria. Era só eles sentir que estava quente, e pulava dentro d’água. Aí tive que retirar os meninos aqui da roça, e dividir eles ainda. Um ficou comigo na casa da minha mãe, e três está com a mãe deles lá em Itarana, na casa da outra vó, porque eu não posso confiar em deixar eles aqui, ficar tomando banho nessa lama. Por causa dessa lama a família foi dividida. Mulher pra um lado, homem pra outro, filho pra um lado, filho pra outro. Quando eles podiam estar vivendo juntos, como uma família, hoje eles estão divididos.” (‘08:00).



Figura 9: Local onde Francisco diz que as pessoas iam para se divertir.

Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=452652974926185>, acesso em março de 2020.

Quando a preocupação é em relação à dúvida da contaminação e à afetação de sua principal fonte de renda, ele menciona não querer nada da empresa...

“Essas mangas que eu vendia, hoje eu não posso vender mais porque são as árvores ribeirinhas, moram numa ilha, elas se alimentam, a raiz vai no rio... onde que não precisa de irrigar. E a Suco Mais que era a empresa de maior consumo que a gente tinha na região, que comprava toda a produção, hoje não compra mais com medo de contaminação, se ela existe ou não, ninguém quer comprar, com medo de se contaminar.” (‘06:40).

... a não ser o que tinha antes:

“Não espero da Samarco uma indenização não... eu esperava uma resposta concreta, que a água vai limpar. Porque eu não preciso de dinheiro dela, eu preciso de água limpa. Se a água estiver limpa, pra que eu quero Samarco. Será que eu vou ter esperança de ver isso limpo?! Porque hoje eu não tenho esperança não, porque aqui, nós somos uma das últimas cidades do rio Doce, então se não limpar em Mariana, aqui não vai limpar também. Esse é meu ponto de vista, é o que espero da Samarco, que tome providência e que nos devolva o que era nosso.” (‘08:50).

Francisco conta que teve alguns de seus animais levados para que fossem feitos os exames toxicológicos cabíveis, mas que ainda não obtivera os resultados até então, com a exceção de um, que indicava que a morte de uma de suas aves havia sido causada por hepatite crônica sem que se soubesse a causa especificamente, mas a situação é curiosa e ele explica:

“... foram tiradas três amostras só aqui da ilha. Uma eu tive que levar pra prefeitura, onde a Samarco estava junto e o Ministério Público. Retiraram três amostras. Uma eu obtive resposta, que é esse laudo que eu tenho hoje em mãos, as duas do Ministério Público eu não tive acesso aos resultados do laudo ainda. E o Sanear, ele sim, veio aqui na ilha, tirou duas galinhas daqui que estavam

acabando de morrer, levou pra fazer análise, também não obtive resposta até hoje.” (‘07:10)

Francisco ainda menciona acordo feito com a Samarco sobre entregas de água para seu consumo e de suas criações. Segundo ele, o acordo inicial era de que a empresa lhe forneceria trezentos e cinquenta litros de água para dessedentação de sua criação e mais 10 litros de água potável para seu consumo próprio, por dia. Ele diz que após a terceira semana o fornecimento diminuiu e a empresa passou a fornecer apenas duzentos litros para consumo da criação e a água potável para seu consumo foi cortada. E em meio a um rio em completa lama ele, navegando em seu bote, questiona:

“Os dirigentes falam pra mim dar meus pulos, correr atrás. Pra correr atrás como? Eu vou ter que... me fornecer de água? Ou ela vai passar a me entregar o combinado, aqui hoje?! Porque ela não tá cumprindo com o prometido...” (‘09:50).



Figura 10: Francisco rema de volta para sua casa enquanto se questiona sobre acordo firmado com Samarco. Link para acesso: <https://www.facebook.com/watch/?v=452652974926185>, acesso em março de 2020.

De forma semelhante ao Confluências, na tentativa de dar voz aos principais afetados por esse crime, a TV Educativa ES publicou em seu canal do Youtube, no dia 25 de abril de 2016, vídeo do ES Rural, que trazia falas e cenas de pescadores no rio logo assim que houve a chegada da lama em Baixo Guandu e Regência em 2015 e, posteriormente, conversou com os mesmos para saber como vinha sendo suas vidas após o ocorrido (já em abril de 2016).

O que se vê no início do vídeo “Pescadores do ES enfrentam dificuldades meses após rio Doce ser atingido por lama da Samarco”<sup>25</sup>, é a comoção e a desolação de pescadores

---

<sup>25</sup> Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso em março de 2020.

vendo tantos peixes mortos no decorrer do rio. Enquanto se consolam uns aos outros e recolhem os peixes mortos do rio, ouve-se:

“Não acabou só com o rio não, com os pescadores, com os peixes, não estou conseguindo segurar as lágrimas. Não tenho mais onde ter lágrimas mais...”  
(Pescador não identificado. ‘01:22).



Figura 11: Pescador mostra um dos peixes mortos as margens do rio Doce.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso e março de 2020.

Na passagem no vídeo, enquanto um pescador chora, o outro passa em seu bote o consolando:

- “... é difícil, cara”.
- “É difícil, cara. Eu tava segurando pra não chorar, cara, eu não consegui”.
- “Não tem como não chorar não, meu amigo. Eu também chorei ontem, chorei bastante.”
- “Não consigo não.” (Pescadores não identificados. ‘01:44).



Figura 12: Pescadores se consolam sob o rio cheio de peixes mortos nas margens e com cor marrom.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso e março de 2020.

O vídeo passa para o ano de 2016 e se vê novamente o morador inicial aqui mencionado falando que não tinha a ideia da proporção a que aquilo tudo chegaria a ter em suas vidas, “até então a gente tinha... uma consciência, assim de que isso não seria uma coisa grave, né... que seria uma coisa passageira. Então pra gente é muito triste isso hoje” (Pescador não identificado. ‘02:13).

Dali em diante, o vídeo passa a mostrar falas destes pescadores, que demonstram como a pesca estava enraizada em suas vidas, como a fala de Silas Marcos Rainha, morador de Baixo Guandu/ES, que pescava há vinte anos no rio e tirava dali tirava seu sustento, conta que aprendeu a pescar com seu tio, demonstrando os vínculos que isso tinha para ele:

“Aprendi com um tio meu, eu ia sempre pra beira do rio com ele pescar e, ele faleceu e eu continuei com a profissão.” (Silas M. R., Baixo Guandu – ES. ‘02:39).

Sobre seu sustento diz:

“... vinha do rio. Hoje tá atrasado água, luz, nós estamos sofrendo. Tá difícil.” (‘02:48)

“... Antes era melhor, né. Que saía daqui cedo todo dia pra pescar, chegava com um peixinho, vendia. Fazia em torno de trezentos reais por semana, duzentos e cinquenta, dava pra manter as despesas de casa, hoje tá complicado. Vivendo de bico aí. Aparece uma coisinha hoje, outra amanhã, mas não é todo dia que tem, né.” (Silas M. R., Baixo Guandu – ES. ‘03:12).



Figura 13: Silas mexe em sua rede que há tempos está parada por conta da proibição da pesca.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso e março de 2020.

Da mesma forma, conta Dalci Santana da Costa, também morador de Baixo Guandu/ES, que pescava há mais de vinte anos no rio e que aprendeu o ofício com o pai:

“Rapaz, era bom demais! Saía daqui cedo, chegava lá, pegava o peixe, trazia pra casa. Chegava alegre, né. Hoje em dia como é que faz? Não tem como você pescar mais, né.” (Dalci S. da C., Baixo Guandu – ES. ‘03:03).



Figura 14: Dalci tece a rede de pesca.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso em março de 2020.

Sobre sua situação financeira, conta que estava sem trabalho após parar de pescar:

“Tem quatro meses mais ou menos que eu tô parado aí, porque não tem nada pra mim fazer aí. E até agora não tem solução nenhuma, entendeu, eu tô passando apertado aí. Eu parei com a pescaria por causa desse rejeito que desceu aí de Mariana, né, no rio Doce aí, e até agora... tem que arrumar alguma solução pra fazer, né.” (Dalci S. C., Baixo Guandu – ES. ‘03:28).

As falas do procurador do Ministério Público do Trabalho, Bruno G. Borges da Fonseca, e do defensor público, Lucas Marcel Matias, ambos atuantes no ES, exemplificam o que este trabalho engendra como relações subjetivas, para além das relações diretas percebidas destes pescadores com o rio:

“A relação desses trabalhadores com o rio Doce ela está além do trabalho, além do rio Doce ser o mecanismo de trabalho, ele representa uma parte, e uma parte talvez essencial da vida desses trabalhadores. Eles foram criados à margem do rio, muitos são netos e filhos de pescadores, e muitos também querem que seus filhos sejam pescadores. Então eles têm uma relação que vai muito além do trabalho com o rio Doce.” (Bruno G. B. F., ‘03:44)

“A pesca para aquelas comunidades é a vida dessas comunidades. A pesca não é um bem material, é um bem existencial. É um vínculo. As pessoas vivem da pesca, trocam a pesca, dão pesca de presente. Trabalham uns com os outros na pesca. São laços que têm valor inestimável. E isso, ainda que exista uma recompensação econômica, isso nunca vai ser devolvido à essas pessoas.” (Lucas M. M., ‘04:12)

O vídeo segue adiante e passa a mostrar moradores pescadores de Regência, localidade na foz do rio Doce, “berçário de várias espécies e fonte de subsistência de muitas famílias”, como menciona o próprio texto do vídeo. As imagens mostram o rio e a foz completamente tomados por uma coloração marrom proveniente da lama, e as imagens aéreas mostram como as boias, a então medida adicionada pela empresa, por conta da

medida judicial, não continham a proporção da lama no rio e nas margens. Os pescadores, por sua vez, demonstram suas queixas.



Figura 15: Foz do rio Doce e boias de contenção.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso e março de 2020.

Com carteiras em mãos, Ademar Paulino Sampaio diz ser pescador profissional e que seu sustento vinha da profissão, no entanto, “hoje não tô podendo pescar mais, né, por causa dessa lama que tá dentro do rio Doce aí, tem proibido a pesca.” Ele explica:

“... antes nós pegava aqui muito era robalo, carapeba, ticopa, tainha, bagre. Aí tinha vez que por semana pegava cento e cinquenta, duzentos quilos por semana. Quando estava ruim, quando tava bom, a gente pegava mais. Trezentos, quatrocentos quilos de peixe por semana.” (Ademar P. S., Regência Augusta – ES. ‘07:15).



Figura 16: Ademar com carteiras de pescador em mãos.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso em março de 2020.

Quando questionado sobre a nova rotina na Vila dos pescadores, relata as mudanças na vida de pescadores, comerciantes e outros afetadas pela lama tanto no rio quanto no mar de Regência Augusta:

“... meio difícil, difícil. Não só pra mim, só pra mim que somos pescadores, mas para os comerciantes também. Para os comerciantes também que vivem da gente que pesca, né, compra peixe, a gente compra no supermercado, e nas mercearias. E agora eles vão ter tudo... vão quebrar, porque não tem ninguém pra comprar. Gente de fora não vem ninguém mesmo! Eles vão fazer o quê aqui? Não tem uma praia pra tomar um banho, surfista, as pousadas tudo fechada, tudo.” (Ademar P. S. Regência Augusta – ES. ‘07:35).

Por seu lado, Arnoilton Alves Pereira, também morador de Regência Augusta/ES, diz da sua relação com a pescaria e como tem se sentido

“Desde quando... bem dizer, quase me entendi no mundo, quase, já comecei a pescar já junto com meu pai, a criação do meu pai de lá pra cá. Da pesca que criei minha família todinha, meus seis filhos que eu tenho hoje. Eu fui criado pescando, né, aí chega um... deu um desastre desse no rio Doce... não posso fazer nada. Não tem como... pra mim... sobreviver com a ajuda da mulher. Não tem como, outro jeito não, sobrevivência não.” (Arnoilton A. P., Regência Augusta – ES. ‘08:04)



Figura 17: Arnoilton mostra redes que não usa mais.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso em março de 2020.

Quando questionado sobre a renda familiar que obtinha com a pesca, e como teria sido afetada, responde:

“Vish, caiu pelo mais da metade! Mais da metade. Porque quando a gente tivesse pescando, a gente tava com dinheiro todos os dias, porque todos os dias a gente pegava peixe, vendia. Ia juntando o dinheiro. Chegava no final da semana a gente tinha o dinheiro pra comprar o que a gente precisava, né. E hoje em dia a gente não tem.” (Arnoilton, Regência Augusta – ES. ‘08:39).

E, novamente com fala pertinente, o defensor público Lucas Marcel defende a vida afetada do pescador e a responsabilidade inestimável da empresa Samarco com essas vidas:

“É importantíssimo que a sociedade tenha conhecimento. Existe algo muito grave em curso. Algo que não se conseguiu ainda estimar e que se quer se poderá estimar. Porque essas pessoas, elas tiveram suas vidas, seus modos de ser ceifados. E isso a Samarco não vai conseguir devolver.” (Lucas M. M. ‘09:02).

Reforçando a cobrança, Ademar indaga:

“Eles têm que pagar, porque foi eles que... foi a Samarco que estragou o nosso rio Doce aqui, né.” (Ademar P. S. Regência Augusta – ES. ‘09:24).

O vídeo demonstra ainda um dos principais problemas indicados nos meses iniciais do “pós lama”, que foi a questão dos cadastros das famílias e dos próprios pescadores, questão já mencionada anteriormente. Os pescadores afirmam que o processo era o mesmo, ligavam para o número orientado pela empresa Samarco para que ligassem e passassem seus dados e para que fossem ouvidos para a realização do cadastro, no entanto, os meses passavam e o cadastro não acontecia.

Silas, pescador de Baixo Guandu, conta:

“Fiz o cadastro, tudinho, já liguei para o 0800 do pessoal da Samarco. Eles prometem que vai passar pra fazer entrevista, mas até hoje, nada. [...] não apareceu ninguém aqui ainda!” (Silas M. R. Baixo Guandu – ES. ‘04:48).

Enquanto Valci também de Baixo Guandu/ES indaga: indaga:

“Eu fiz a minha ficha lá, aí você liga para o 0800, dá seu nome completo lá, eles falam que vai passar na sua casa, vai passar [...], ‘*ah, tal dia vai passar*’, já tem três meses já que estou esperando e até agora nada! Ninguém passou na minha casa, ninguém veio visitar, ninguém veio ver como é que eu tô. Você tá me entendendo? Ninguém veio ver se eu tô passando aperto, se eu tô passando necessidade, até agora nada!” (Valci S. C. Baixo Guandu – ES. ‘04:59).

Igualmente ocorre com os pescadores da foz do rio Doce, em Regência Augusta/ES, ouvidos no vídeo:

“Nada, não recebi nenhum centavo disso ainda. Eu me cadastrei em dezembro e até hoje não recebi nadinha...” (Ademar A. S., Regência Augusta – ES. ‘09:31).

“Desde dezembro que fizeram a minha, vieram aqui e fizeram o meu cadastro, tiraram foto das redes, até agora não recebi cartão. [...] Nenhum centavo. De cartão, nenhum centavo.” (Arnoilton P. S., Regência Augusta – ES. ‘09:38)

Para agravar a situação já complicada, os pescadores ouvidos ainda pontuavam que houve ocasiões em que moradores que não eram necessariamente pescadores recebiam o benefício, demonstrando que ocorreram equívocos nos cadastros realizados. Ademar e Valci destacam no vídeo que moradores de Regência, mas também de outros bairros de Linhares, que não dependiam diretamente da pesca, estavam recebendo o auxílio esperado por eles. Leone Carlos, presidente da Colônia de Pescadores de Regência denuncia a ação errônea da empresa na má administração dos cadastros:

“Isso é um crime. Tem muitos aí, donos de supermercado, dono de padaria, entendeu? É dono de confecção, é gente que é empregado, que tá recebendo cartões, entendeu? E o pescador que vive da pesca não recebeu cartão!” (Leone C. Regência Augusta – ES. ‘10:26).

Assim, o procurador Bruno Fonseca lembra que a Samarco contratou uma empresa especializada para cadastramento destes moradores. O que, de certa forma, possibilitou que ela mesma avaliasse e supervisionasse, por trás, essa categorização. Fonseca reforça ainda que a falsa informação de dados pode gerar processos posteriores, mas que naquele momento o foco do Ministério Público era garantir o cadastro daqueles que realmente necessitavam deste dinheiro. Da mesma forma, Lucas Marcel destaca também que o dever da Defensoria Pública naquele momento era de garantir que a voz daqueles que eram diretamente afetados fossem ouvidas o que, segundo ele, não estava ocorrendo no momento.



Figura 18: Arnoilton olha para seu barco sem poder trabalhar na pesca.

Link para acesso: <https://youtu.be/N-yb2K68U9Q>, acesso em março de 2020.

No dia 03 de março de 2016, o site de notícias e de opinião Folha Diária publicou texto sob o título “A tragédia da Imprensa e a lama da Samarco, ou de Mariana?”<sup>26</sup>, com o intuito de demonstrar que há uma certa mudança de foco a partir dos grandes meios de comunicação porque os mesmos não discutem a responsabilização direta das empresas envolvidas e não dão voz a movimentos sociais que começaram a surgir após o rompimento, o texto que traz conteúdo indagativo e provocativo que chama a atenção.

---

<sup>26</sup> Link para acesso: <http://www.folhadiaria.com.br/materia/56/2422/1/p/a-tragedia-da-imprensa-e-a-lama-da-samarco-ou-de-mariana#.XzgdNOj0nIU>, acesso em março de 2020.

A redação traz a discussão de como a imprensa geralmente trata questões desse teor com caráter superficial e, quando muito, não tratam dos reais responsáveis, causando assim certa distorção na discussão sobre os eventos. Indaga que o modo como a grande imprensa compartilha notícias muitas vezes acaba por encobrir as empresas e os gestores responsáveis quando os discursos giram em torno dos eventos como fatalidades e depois passam para uma discussão de culpabilização de má gestão administrativa ou falta de fiscalização pública adequada, quando discussões deste teor não geram medidas efetivas de recuperação e sim um desgaste do assunto e dispersão do tema.

Pontuando o caráter linguístico, o texto destaca que “a lama gerada pela Samarco, descuidada e desgovernada [...]” deixa de ser “da Samarco para ser de Mariana”. Pontua ainda que a quantidade de buscas na ferramenta de pesquisa Google por “lama de Mariana” era maior, naquele momento, do que “lama da Samarco”, tirando assim a carga de responsabilidade da empresa e causando certa estigmatização do local, como já discutido anteriormente. O texto também destaca o início da sistematização e da organização de grupos independentes em busca de respostas e destaca que a “boa comunicação” seria a chave para o melhor desempenho destes grupos, destacando ainda que estes, se quisessem chegar a uma “matéria prima da comunicação”, deveriam buscar por discussões em redes sociais, sites e blogs especializados e/ou voltados especificamente a esses assuntos, uma vez que a grande imprensa não seria boa fonte nestes casos.

Esse quesito é de extrema importância, uma vez que demonstra preocupação com as lutas do poder territorial – simbólico, e não somente – contidos nestes meios de comunicação. O que causa a criação dos novos dispositivos de contrapoder e contra narrativas é a tentativa de se criar novos canais de fala de comunidades e populações menos favorecidas, ou as falas de comunidades diretamente afetadas, como é o caso discutido. Como o colocado em Zanetti e colaboradoras (2018), “diferentes dispositivos narrativos possibilitaram dar visibilidade às pessoas e comunidades atingidas e evidenciar dinâmicas sociais, políticas e econômicas que afetam esses territórios.” (p. 233). Assim, um dos mecanismos de contra narrativas encontrado por essas comunidades e grupos foi a criação de Movimentos, Fóruns, Comitês, mas também sites nas redes e páginas em plataformas como as do Facebook e também no Youtube para compartilhamento de suas narrativas através de imagens e/ou vídeos e textos.

Assim, o texto traz algumas imagens interessantes, retiradas do perfil do Facebook Meu Rio Doce. Uma imagem em específico mostra a montagem de uma criança, à esquerda,

sentada em uma rocha no rio Doce, e à direita, a mesma criança, poucos anos mais velha sentada no mesmo local, agora com a coloração do rio em tom de marrom forte.

Esta imagem é a mesma utilizada pela página Meu Rio Doce em sua foto de perfil. A comunidade em rede online tem como descrição da página as seguintes palavras:

“Pelo não esquecimento do Rio Doce. Rede de comunicação colaborativa e afetiva em busca de soluções para o maior crime ambiental da história do Brasil

É comum escutarmos que “o Brasil não tem memória”, e após o maior crime ambiental já ocorrido em solo brasileiro, é justamente contra a sina de, depois do alarde a tragédia cair no esquecimento, surge o projeto #MeuRioDoce.”

Já a legenda da imagem do perfil desta página também veiculada no texto analisado, traz o relato de Danielly Cipriano, jovem de 17 anos moradora de Baixo Guandu, no Espírito Santo, afetada pela lama. A legenda diz:

“Danielly Cypriano, Estudante, 17 anos, Baixo Guandu-ES. A minha infância foi um sonho, tinha sempre ao alcance dos olhos, a mais bela e doce imagem. Logo que levantava eu corria até a porta, lá estava ele, o meu rio, com sua água verde, mas não era qualquer verde, era um verde esmeralda, que resplandecia vida e tornava-se ainda mais bela com a dourada luz do sol. Lembro-me bem das tardes que passei junto a ele, sentada em suas margens observando o grande bailar da natureza. Mas hoje, abro os meus olhos e nada disso mais posso ver e nem posso sentir. A bela imagem com a qual cresci está manchada, a água está marrom e sem vida, tudo a sua volta parece estar morto. [#NaoFoiAcidente](#) [#SamarcoCulpada](#)”

Esta imagem juntamente com o texto reproduzido acima chama a atenção por evidenciar como uma geração foi afetada pelo rompimento e por gerar indagações de como serão as vivências das próximas gerações em contato com o rio. Como se davam as relações anteriores a esse rompimento e como chegada de um corpo estranho no rio (a dizer, a lama) fora sentida pelas gerações que ali cresceram, mudando sua relação com o mesmo e com o espaço que os envolviam. Muitas são as discussões possíveis a partir desta imagem que segue para visualização:

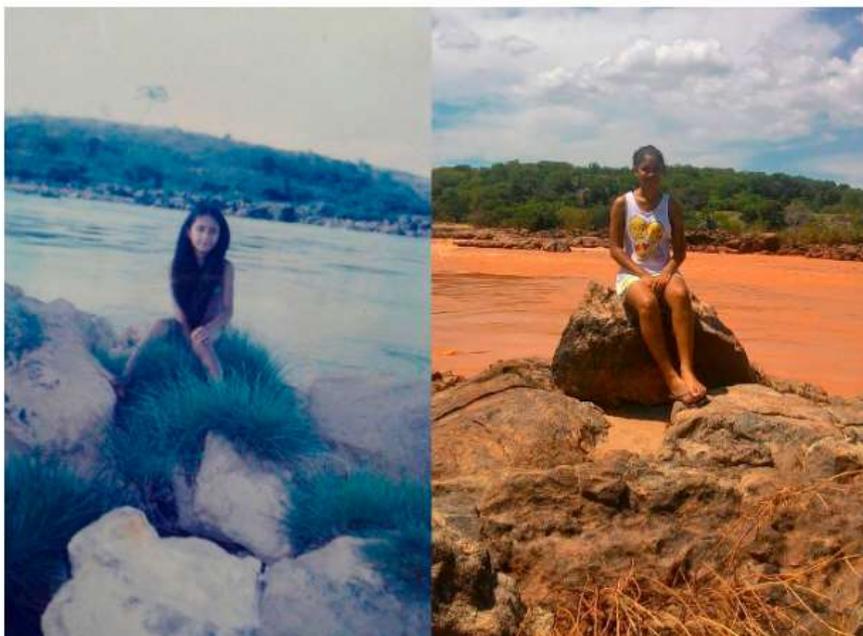


Figura 19: Danielly Cipriano, Baixo Guandu, ES em imagens no rio Doce.

Link para acesso:  
<https://www.facebook.com/1690501744497324/photos/a.1690502531163912/1702086416672190/?type=3&theater>, acesso em março de 2020.

As demais imagens do texto chamam a atenção pela carga emotiva que carregam e geram em quem as vê. As duas adiante mostram moradora idosa que chora em frente ao rio e a uma criança de costas a câmera, de frente para um bote que está cheio de lama/“água” do rio. Mais uma vez, a junção das imagens traz à tona discussão acerca das gerações afetadas por esse crime-desastre.



Figuras 20 e 21: Idosa chora em frente ao rio e criança admira bote encoberto pela “água” do rio Doce.

Link: <http://www.folhadiaria.com.br/materia/56/2422/1/p/a-tragedia-da-imprensa-e-a-lama-da-samarco-ou-de-mariana#.XzLIhyj0nIU>, acesso em março de 2020.

As duas últimas imagens deste texto, também reproduzidas aqui, mostram as condições de animais em busca de água para sua dessedentação no rio e, no plano de fundo, é possível que se veja o rastro que as ondas de lama deixaram às margens do rio, nas plantas e árvores.



Figuras 22 e 23: Animais em busca de água para dessedentação se colocam no meio do que sobrou do rio Doce após a passagem das ondas de lama.

Link: <http://www.folhadiaria.com.br/materia/56/2422/1/p/a-tragedia-da-imprensa-e-a-lama-da-samarco-ou-de-mariana#.XzLIhyj0nIU>, acesso em março de 2020.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nesse sentido e através da realização de todos esses feitos, no decorrer da vida acadêmica e na realização de tais pesquisas que se tornou possível e viável a concretização deste texto monográfico com as discussões propostas. A disputa pela autoridade da fala tão buscada no decorrer desse período se torna cada vez mais perceptível à medida que observo mais as formas como os atingidos falam de suas vidas e seus meios, bem como os meios falam por si próprios e, em contraste com isso, como aqueles que possuem o poder considerado em nossas sociedades se contrapõem àqueles primeiros e os tornam quase que invisíveis, inaudíveis. Bem como os meios que os próprios atingidos possuem para amplificação de suas vozes – isso também possui tamanha importância de se observar nessas relações pontuadas aqui.

Nos materiais jornalísticos observados, por exemplo, o conteúdo passou por uma variação e dissipação relacionado ao tema aqui discutido. No entanto, a partir da ótica dos próprios atingidos – acessados nos vídeos e imagens aqui pontuados – o crime-desastre não findou a partir do momento que se teve a diminuição da fala do mesmo através dos veículos de comunicação de grande porte. Assim como destacado pelos próprios atingidos/as em algum momento o ocorrido iria cair no esquecimento, mas na vida deles ainda seria viva a condição de atingido e atingida, condição imposta drasticamente.

Dito isso, uma primeira consideração a ser mencionada é a de que foi possível perceber uma diferença relacionada ao conteúdo das publicações veiculadas por aqueles meios de comunicação acessados para a pesquisa – a dizer o portal de notícias online G1 e portal A Gazeta entre os meses de novembro de 2015 e abril de 2016 que versavam sobre o assunto e região pretendidas na pesquisa. Nos primeiros meses de 2016 foi possível verificar uma predominância das reportagens sobre as consequências econômicas que o rompimento havia trazido tanto para pessoas diretamente impactadas quanto a empresas e ao próprio Estado. Nas reportagens, o foco maior se dava nesse sentido e poucas eram relacionadas propriamente à lama e às discussões de sua toxicidade.

Uma indagação que se manteve foi a de que isso poderia ser mesmo um interesse, a diminuição da abordagem sobre o assunto – ainda que minimamente se falasse da lama – para que houvesse então uma desintoxicação simbólica, ou se isso se tratava da espera de estudos iniciais sobre os materiais que começaram a serem retirados do rio e do mar. O fato é que pôde-se perceber, mesmo nesses primeiros meses, certa dispersão em torno do ocorrido. Essa dispersão se aguçou quando os estudos técnicos e químicos passaram a ser

divulgados nessas reportagens, realizadas por órgãos de pesquisas tanto vinculados ao Estado, às empresas envolvidas, mas também a organizações independentes que, a partir de seus resultados passaram a difundir ainda mais dispersão pelas divergências apontadas. No entanto, se observarmos a partir dos conteúdos destacados aqui, através das falas dos afetados acessados pelos vídeos e outros materiais, é possível averiguarmos certa continuidade da discussão tanto das afetações quanto em relação a discussões em torno da toxicidade ou não do conteúdo despejado no rio e mar. É possível observarmos também que não só o aspecto físico é mencionado pelos mesmos, mas há a persistência de que outros âmbitos de suas vidas foram afetados, tão importantes – se não mais, para alguns – que a vida material, física, monetizável, mais comumente destacados nas reportagens. Perceberam-se embates entre resultados dos estudos e análises de certos pesquisadores e órgãos com os divulgados de forma vaga pela empresa. O que fomentou ainda mais nosso entendimento de que há uma disputa em torno da autoridade da fala sobre o ocorrido e, do que pôde-se perceber depois, da divulgação desses resultados também, já que alguns eram divulgados apenas entre os envolvidos, bem como os resultados dos estudos da própria Samarco que eram divulgados diretamente aos órgãos competentes, segundo ela. Esses resultados, não necessariamente, eram divulgados de maneira ampla e acessível ao público geral – principalmente entre os próprios atingidos que, por vezes destacavam o descontentamento com essas atitudes, tanto por parte da empresa, quanto por parte do Estado.

A certa altura, as discussões já giravam em torno de muitas outras variáveis relacionadas e iniciadas a partir do rompimento. Como um pingo d'água numa piscina cheia e parada, o rompimento culminou por afetar diversas áreas e vidas humanas e não humanas. Em abril de 2016, por exemplo, menores foram os resultados das buscas por reportagens nos portais selecionados que se referiam ao rompimento e seus desdobramentos. Mesmo sabendo que essas discussões ainda ocorriam e eram vívidas em certos grupos e locais, não era o que se percebia nas reportagens que passaram a trazer discussões sobre metais e ações judiciais direcionadas as empresas. Por mais que se entenda que essas ações são para reparações, poucas falavam sobre as relações dos afetados com o rio, por exemplo. E menos ainda eram acessíveis a um público leigo, em geral, que necessitava da divulgação ampla desses estudos para se saber o estado do rio, das plantações e de outras áreas de suas vidas que estavam afetadas pela desconfiança por terem tido contato com a “lama da Samarco”.

De certa forma, isso confirmou a hipótese de que a carga emocional contida em textos e imagens das reportagens analisadas no decorrer do tempo sofreu uma diminuição em detrimento de falas mais técnicas e/ou voltadas a outras áreas e temas distantes do sofrimento de populações afetadas – o que não ocorreu, necessariamente, de forma semelhante entre os próprios atingidos/as. Mas, para conclusão do entendimento aqui proposto, acreditamos na importância de continuarmos com o presente estudo, avançando mais adiante nos meses para averiguação mais detalhada do que aqui passamos a chamar de desintoxicação simbólica a partir dos meios de comunicação. Assim pensa-se em um possível projeto de mestrado com o desejo de observarmos e entendermos como se dá essa esfera que se criou em torno do rompimento de barragens. Se e como se criou um imaginário social relacionado a rompimentos de barragens de empresas de mineração através da divulgação ou não desse assunto pelos meios de comunicação? Ainda que em certos meios – acadêmicos, por exemplo – essa discussão já venha existindo há muito.

O ocorrido em 2015 na cidade de Mariana/MG ficou basicamente entendido como algo acidental, uma tragédia, por mais que denúncias tenham ocorrido posteriormente e ações às portas fechadas venham ocorrendo desde então na busca por Justiça. Houve certa comoção nacional e internacional em torno da então “maior tragédia ambiental” na história do país. No entanto, poucos anos após houve a ocorrência de novo rompimento envolvendo a mesma empresa, de forma que ficou representada como ainda mais drástica. O que faz questionar: como isso aparece nas esferas públicas? (HANIGANN, 1997) Criou-se um imaginário social relacionado a rompimentos de barragens? De modo relacionado a estas questões, temos ainda o entendimento de que os meios de comunicação possuem papel essencial na formulação de problemas ambientais, na intensificação ou dispersão desses assuntos. E, ainda, no enquadramento do olhar, indicando por qual perspectiva entendê-los. Logo, um bom caminho para essa discussão é observarmos como esses meios de comunicação compartilham textos e imagens sobre esses temas, ou ainda, se isso é compartilhado pelas mesmas ao longo do tempo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. *Revista Estudo Sociedade e Agricultura*, n. 11, out. 1998. Disponível em <HTTP://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>

COMERFORD, J. Reunindo: as reuniões de trabalhadores rurais como formas de sociabilidade. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré: NuAP, 1999. Cap. 2.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no Jornalismo Cívico e Ambiental. In: *Brasilian Journalism Research* (versão em português), v. I, n. I:2, 2008. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v4n2.2008.167> .

CREADO, Eliana Santos Junqueira; LEONARDO, F. A. M.; TRIGUEIRO, A.; ZANETTI, D. Modos de olhar, contar e viver: a chegada da lama da Samarco na foz do Rio Doce, em Regência Augusta (ES), como um evento crítico. In: MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana. (Org.). *Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição*. 1ed. Rio de Janeiro: Folio Digital, Letra e Imagem, 2016, v. 1, p. 233-261.

CREADO, E. S. J.; HELMREICH, S. A. Uma onda de lama: viagem de águas tóxicas de Bento Rodrigues ao Atlântico brasileiro. In: CREADO, E. S. J.; TRIGUEIRO, A.; TORRES, C. C. A. *Vidas de rio: e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*, 1. Ed. – Vitória: ProEx, 2018.

DE LA CADENA, Marisol. *Natureza incomum: histórias do antropo-cego*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69. p. 95-117, abr. 2018.

HANNIGAN, John. A. *Sociologia Ambiental: a formação de uma perspectiva social*. Lisboa. Instituto Piaget, 1997.

KHAN, Naveeda. *River and the corruption of memory*. Fordham University press,. 1ed. New York,. 2015

LEONARDO, F. A, M.; IZOTON, J. P. L. “Nós não estamos lidando com lambaris, estamos lidando com tubarões” sobre os efeitos e desdobramentos institucionais do desastre da mineração na foz do rio Doce”. In: CREADO, E. S. J.; TRIGUEIRO, A.;

TORRES, C. C. A. *Vidas de rio: e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*, 1. Ed. – Vitória: ProEx, 2018.

MENDRAS, H. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, pg. 87.

OLIVEIRA, B, F, B, O., O ponto antes do porto: A mídia capixaba e a expansão do Portocel na Barra do Riacho. In: CREADO, E. TRIGUEIRO A. e TORRES, C. (orgs.). *Vidas de rio e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*. 1. ed. – Vitória: ProEx, 2018.

PRATES, M. P. A. Projetos de desenvolvimento: o caso da criação de duas unidades de conservação em Aracruz (ES). In: CREADO, E. TRIGUEIRO A. e TORRES, C. (orgs.). *Vidas de rio e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*. 1. ed. – Vitória: ProEx, 2018.

SILVA, D. J. B. “*A lama que rolou de cima*”: Alguns desdobramentos sociopolíticos e sociotécnicos sobre as águas do rio Doce e do Oceano Atlântico na região da Foz, após o rompimento da barragem de Fundão – MG. Vitória, UFES, 2018.

SILVA, Telma Camargo. *Eventos Críticos: sobreviventes, narrativas, testemunhos e silêncios*. Anais da 27ª RBA- Brasil Plural: conhecimentos, saberes tradicionais e direitos à diversidade. Brasília: ABA, 2010.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo,. Cosac Naify,. cap. 3,. 2010.

ZANETTI, Daniela. *Últimos dias em Regência*. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Yd564T2M9V8> .

ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R.; ZUCARELLI, M.; VASCONCELOS, M.. *The Rio Doce Mining Disaster in Brazil: between policies of reparation and the politics of affectations*. in: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 14, n.2. August 2017. Brasília, ABA. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/andrea-zhoura-raquel-oliveira-marcos-zucarelli-max-vasconcelos-the-rio-doce-mining-disaster-in-brazil-between-policies-of-reparation-and-the-politics-of-affectations/>

## **7. ANEXOS**

Anexo A – Ficha de Análise para observação de documentos

### **Ficha para análise de documentos**

#### **1 Indicações preliminares**

**1.1 Lido todo (ou apenas registrado para observação posterior):**

**1.2 Data do acesso (Banco de Dados):**

**2. Dados gerais do material consultado:**

**2.1 Data**

**2.2 Fonte**

**2.3 Título do texto (ou publicação, ou vídeo, ou imagem)**

**2.4 Autor (a):**

**2.5 Local:**

**3. Informações adicionais**

**4. Tipo de material (especificar se é jornal, publicação em Facebook, ou revista, divulgação de edição especial...):**

**5. Objeto do documento:**

**6 Métodos utilizados para realização (quando houver a possibilidade) do objeto do documento, ou do documento em si**

**6.1 Abordagem (s) principal (s) – (ênfase em algo específico):**

**6.2 Como se refere às condições aquáticas, metáfora usada (lama, rejeito, lixo...):**

**6.3 Como se refere ao ocorrido (catástrofe, acidente, desastre, crime, evento, morte do rio...):**

**7. Encontra-se documento facilmente (online):**

**8. Contém vídeo e/ou imagem (como retrata o rio, ou mar, ou outro elemento que estiver em foco, como animais ou vegetais):**

**9. Observação importante (parte do texto que chamou atenção...):**

**10. Tipo de saber ou conhecimento predominante no material: acadêmico, científico, senso comum, conhecimento local (ou tradicional), divulgação pública (para jornais)**

**11. Principais agentes ou entes mencionados:**

Anexo B – Quadro sinóptico com reportagens selecionadas para análise de conteúdo mais detalhada, realizada no subprojeto de pesquisa de iniciação científica, financiado pelo edital PIIC-UFES, para o período de 2019-2020. A análise foi realizada por bimestres, entre nov. de 2015 a abril de 2016, sobre foz do rio Doce e arredores:

<b>Data</b>	<b>Portal/Link</b>	<b>Título</b>	<b>Categorias utilizadas referentes à Água/ocorrido</b>
<b>13/11/2015</b>	Portal G1/ <a href="https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2015/11/e-oficial-o-rio-doce-esta-completamente-morto.html">https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2015/11/e-oficial-o-rio-doce-esta-completamente-morto.html</a>	“É real: o rio Doce está completamente morto”	Lama/ desastre; desastre social; desastre ambiental
<b>30/11/2015</b>	A Gazeta Online/ <a href="https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2015/11/navio-laboratorio-da-marinha-estara-aberto-para-visitacao-nesta-terca-feira-01-em-vitoria-1013916353.html">https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2015/11/navio-laboratorio-da-marinha-estara-aberto-para-visitacao-nesta-terca-feira-01-em-vitoria-1013916353.html</a>	“Navio-laboratório da Marinha estará aberto para visitação nesta terça-feira (01) em Vitória”	Lama; �gua contaminada/ nada específico
<b>30/11/2015</b>	A Gazeta Online/ <a href="https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2015/11/marinha-analise-preliminar-dos-efeitos-da-lama-no-mar-de-regencia">https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2015/11/marinha-</a>	“Marinha apresenta análise preliminar dos efeitos da lama no mar de Regência”	Lama/ rompimento

	<u>apresenta-analise-preliminar-dos-efeitos-da-lama-no-mar-de-regencia-1013916393.html</u>		
<b>01/12/2015</b>	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/satelite-da-nasa-mostra-evolucao-da-lama-na-foz-do-rio-doce-no-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/satelite-da-nasa-mostra-evolucao-da-lama-na-foz-do-rio-doce-no-es.html</a></u>	“Satélite da Nasa mostra evolução da lama na foz do rio Doce, no ES”	Lama/ acidente
<b>21/12/2015</b>	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/lama-de-rejeitos-de-minerio-da-samarco-chega-aracruz-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/lama-de-rejeitos-de-minerio-da-samarco-chega-aracruz-es.html</a></u>	“Lama de rejeitos de minério da Samarco chega a Aracruz, ES”	Lama de rejeitos/ nada específico
<b>30/12/2015</b>	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/lama-da-samarco-se">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2015/12/lama-da-samarco-se</a></u>	“Lama da Samarco se estende por 168,2km <sup>2</sup> no mar do ES, diz Iema”	Lama; rejeitos/ destruição

	<a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-de-rejeitos-ainda-muda-rotina-e-paisagens-de-regencia-no-es.html">estende-por-1682-km-no-mar-do-es-diz-iema.html</a>		
<b>05/01/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-de-rejeitos-ainda-muda-rotina-e-paisagens-de-regencia-no-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-de-rejeitos-ainda-muda-rotina-e-paisagens-de-regencia-no-es.html</a>	“Lama de rejeitos ainda muda rotina e paisagens de Regência, no ES”	Lama; rejeitos; pluma/ rompimento
<b>08/01/2016</b>	Gazeta Online/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-da-samarco-causa-prejuizos-de-r-70-milhoes-em-linhares-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-da-samarco-causa-prejuizos-de-r-70-milhoes-em-linhares-es.html</a>	“Lama da Samarco causa prejuízos de R\$ 70 milhões em Linhares, ES”	Lama; lama de rejeitos; lama de rejeitos de minério; pluma de lama/ nada específico
<b>13/01/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-da-samarco-se">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/lama-da-samarco-se</a>	“Lama da Samarco se estende por 27,4 km <sup>2</sup> no mar do ES, diz grupo”	Lama; lama da Samarco; lama de rejeitos/ nada específico

	<a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/mp-quer-que-samarco-retome-distribuicao-de-agua-em-colatina-es.html">estende-por-274-km-no-mar-do-es-diz-iema.html</a>		
<b>25/01/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/mp-quer-que-samarco-retome-distribuicao-de-agua-em-colatina-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/01/mp-quer-que-samarco-retome-distribuicao-de-agua-em-colatina-es.html</a>	“MP quer que Samarco retome distribuição de água em Colatina, ES”	Lama de rejeitos/rompimento
<b>05/02/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/pesquisadores-da-ufes-divulgam-resultados-de-analise-da-lama-no-es.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/pesquisadores-da-ufes-divulgam-resultados-de-analise-da-lama-no-es.html</a>	“Pesquisadores da Ufes divulgam resultados de análise da lama no ES”	Lama; rejeitos; sedimento; pluma/ rompimento; impacto ambiental
<b>18/02/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/rio-doce-segue-tomado-por-lama-três-meses-depois-após-a-chegada-à-colatina.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/rio-doce-segue-tomado-por-lama-três-meses-depois-após-a-chegada-à-colatina.html</a>	“Rio Doce segue tomado por lama três meses depois após a chegada à Colatina”	Lama; pluma de turbidez/ desastre ambiental

	<u>tres-meses-após- chegar- colatina.html</u>		
<b>23/02/2016</b>	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/lama-tira-sustento-diversao-e-esperanca-de-milhares-no-rio-doce.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/lama-tira-sustento-diversao-e-esperanca-de-milhares-no-rio-doce.html</a></u>	“Lama tira sustento, diversão e esperança de milhares no rio Doce”	Lama/ rompimento
<b>13/03/2016</b>	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/03/lama-aumenta-20-vezes-o-nivel-de-ferro-no-mar-do-es-diz-estudo.html">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/03/lama-aumenta-20-vezes-o-nivel-de-ferro-no-mar-do-es-diz-estudo.html</a></u>	“Lama aumenta em 20 vezes o nível de ferro no mar do ES, diz estudo”	Lama; lama do rio Doce; dejetos/ tragédia
<b>21/03/2016</b>	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/03/lama-da-samarco-motiva">http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/03/lama-da-samarco-motiva</a></u>	“Lama da Samarco motiva protesto de pescadores no Ibama em Vitória”	Lama; pluma; rejeitos da Samarco/ nada específico

	<a href="#"><u>protesto-de-pescadores-no-ibama-em-vitoria.html</u></a>		
<b>28/03/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/03/contaminacao-de-peixes-do-rio-doce-e-140-vezes-maior-que-limite.html"><u>http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/03/contaminacao-de-peixes-do-rio-doce-e-140-vezes-maior-que-limite.html</u></a>	“Contaminação de peixes do Rio Doce é 140 vezes maior que o limite”	Lama/ desastre ambiental
<b>05/04/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/ministerio-da-saude-repassa-mais-r-2-milhoes-do-governo-federal.html"><u>http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/ministerio-da-saude-repassa-mais-r-2-milhoes-do-governo-federal.html</u></a>	“Municípios atingidos por lama terão mais de R\$ 2 milhões do governo federal”	Lama; rejeitos/tragédia; maior acidente ambiental; desastre ambiental
<b>05/04/2016</b>	Portal G1/ <a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/mp-quer-que-justica-de-mg-obrigue-samarco-a-conter-o-vazamento.html"><u>http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/mp-quer-que-justica-de-mg-obrigue-samarco-a-conter-o-vazamento.html</u></a>	“MP quer que a justiça de MG obrigue Samarco a conter o vazamento”	Rejeitos; lama/tragédia; rompimento

	<u>obrigue-samarco-conter-vazamento.html</u>		
12/04/2016	Portal G1/ <u><a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/samarco-tem-ate-dia-18-para-conter-vazamento-em-barragem-em-mg.html">http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/04/samarco-tem-ate-dia-18-para-conter-vazamento-em-barragem-em-mg.html</a></u>	“Samarco é notificada para conter vazamento em barragem, em MG”	Lama/ desastre

**Fonte:** Elaboração da autora, a partir de acúmulo de reportagens que, por sua vez, se realizou de modo colaborativo, juntamente com Eliana S. J. Creado, Bianca Jesus Silva e Sophia Scardua, desde nov. de 2015. O trabalho foi iniciado junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento (GEPPEDES), coordenado pela profa. Aline Trigueiro (UFES), quando da realização de atividades ligadas ao Programa de extensão financiado pelo Ministério da Educação (Edital PROEXT-2016) “Áreas protegidas e grandes projetos de desenvolvimento no horizonte de vivências das comunidades locais”. Depois, houve continuação sem o referido vínculo, a partir da realização de trabalhos desempenhados no Ambiências - Laboratório de Estudos, Pesquisas e Experimentos em naturezas-culturas, [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0002469966514576](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0002469966514576).